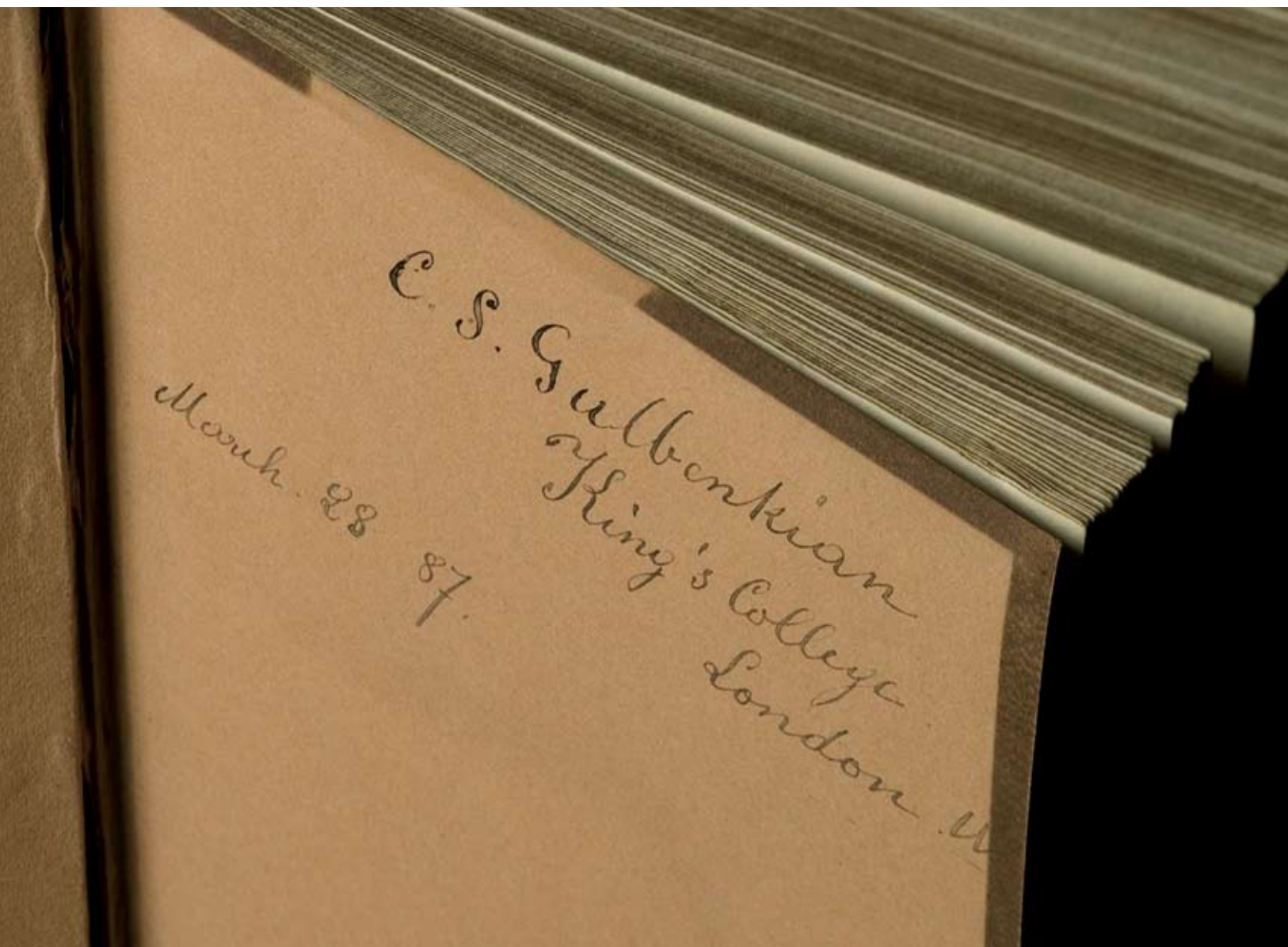




FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN



# O PASSADO E O FUTURO

OS ARQUIVOS DA FUNDAÇÃO

NOVOS PROGRAMAS GULBENKIAN

## ÍNDICE

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO .....	2
<b>ACTUALIDADE</b>	
SÉCULO XXI – OS OBSTÁCULOS AO MOVIMENTO .....	4
O LIVRO DOS 50 ANOS DA FUNDAÇÃO .....	5
CATÁLOGO RAISONNÉ DE AMADEO .....	6
IDA E VOLTA: FICÇÃO E REALIDADE .....	7
ARGEL RECEBE ARTE ISLÂMICA DA COLEÇÃO GULBENKIAN .....	8
A PAISAGEM NA PINTURA DA COLEÇÃO DO MUSEU GULBENKIAN .....	9
CONFERÊNCIA SUCESSO-INSUCESSO .....	10
EDIÇÕES DO UK BRANCH .....	15
REABERTURA DA BIBLIOTECA GULBENKIAN EM JERUSALÉM .....	15
EMPREENDEDOR IMIGRANTE DO ANO E BOAS PRÁTICAS AUTÁRQUICAS DISTINGUIDAS .....	16
<b>DESTAQUE</b>	
O PASSADO E O FUTURO ARQUIVOS DA FUNDAÇÃO .....	17
<b>BREVES</b>	
CRISTÓVÃO COLOMBO – O ENIGMA .....	21
EUROPA, MAR E BIODIVERSIDADE .....	21
FUNDAÇÕES APOSTAM EM INVESTIGAÇÃO EUROPEIA .....	21
CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO MUSICAL .....	21
FUNDAÇÃO APOIA CENTRO DE SIMULAÇÃO BIOMÉDICA DOS HUC .....	22
FUNDAÇÃO FINANCIA HOSPITAL DE SANTA MARIA COM EQUIPAMENTOS DE VANGUARDA .....	22
RESIDÊNCIA ANDRÉ DE GOUVEIA – REABERTURA .....	22
HOMENAGEM A TERESA SALGADO .....	22
<b>LIVROS</b>	
O TEMPO E O MODO .....	23
<b>UM ROSTO DA ECONOMIA</b>	
JOÃO CARLOS MACIEIRA .....	24
<b>UM ROSTO DAS ARTES PLÁSTICAS</b>	
MARTINHA MAIA .....	25
<b>UMA OBRA DO CAMJAP</b>	
CATARINA LEITÃO, SEM TÍTULO .....	26
<b>UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE</b>	
KANDINSKY: DAS GRAPHISCHE WERK .....	27
<b>UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN</b>	
MEDALHA – ANTÓNIO DI PUCCIO PISANO, CHAMADO PISANELLO .....	28
<b>AGENDA</b> .....	29

NEWSLETTER Nº 89. JANEIRO.2008

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação  
da Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27  
info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | Tânia Reis [DDLX]

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 10 000 exemplares

## MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO

# O PASSADO E O FUTURO

Concluídas as comemorações dos cinquenta anos da Fundação Calouste Gulbenkian, com todo o seu significado de homenagem, evocação do passado e de abertura de caminhos para o futuro, 2008 surge como o início de um novo ciclo.

Foi importante e útil conhecer e poder reflectir mais profundamente sobre como surgiu, se desenvolveu e evoluiu a Fundação num período de grandes transformações da sociedade portuguesa e na cena internacional.

Foi também uma experiência muito positiva a nova dinâmica que imprimimos à nossa intervenção, com iniciativas inovadoras, alcançando novos públicos e alargando a nossa participação em projectos e parcerias internacionais.

\*\*\*

2007 começou com os ecos do sucesso da exposição “Amadeo de Souza-Cardoso – Diálogo de Vanguardas” e encerra com cinco exposições no estrangeiro a que a Fundação está associada como responsável ou como patrocinadora. Depois da apresentação de “Ingenuidades. Fotografia e Engenharia. 1846-2006”, em Bruxelas; «Encompassing the Globe – Portugal and the World in the 16th and the 17th Centuries» (Bozar, Bruxelas); «Novos Mundos – Neue Welten. Portugal e a Época dos Descobrimentos» (Deutsches Historisches Museum, Berlin); “El Gusto a la griega o el nacimiento del neoclasicismo en el arte francés”, 1750-1775 (Palácio Real de Madrid); «Amadeo de Souza-Cardoso. (1887-1918). Ein Pionier aus Portugal» (Ernst Barlach Haus, Hamburgo) e “L’Art Islamique dans la Collection Calouste Gulbenkian” (Palais de la Culture, Argel).

Outras iniciativas que devo relevar pelo seu carácter inovador foram o lançamento de um Programa Gulbenkian de médio prazo dedicado à temática do Ambiente e a realização do fórum cultural O Estado do Mundo como programa transversal, interdisciplinar e internacional.

Também em 2007 se iniciou uma nova política na atribuição de prémios, com a instituição de cinco prémios Gulbenkian: um por cada uma das áreas estatutárias e um Prémio Internacional, que constitui uma homenagem às múltiplas dimensões que marcaram a vida e a personalidade do Fundador. A organização “Hand in Hand – Center for Jewish-Arab Education”, um projecto bilingue e multicultural que junta crianças judias e árabes na mesma sala de aula, foi a vencedora da primeira edição do Prémio Internacional.

Associado à aquisição do remanescente do jardim, que permitirá preservar a unidade do conjunto e dar novas condições de enquadramento e acessibilidade no Centro de Arte Moderna, foi atribuído pela primeira vez o Prémio Vasco Vilalva para a recuperação do património.

Ponto alto foi o concerto de encerramento das comemorações, de música contemporânea com peças encomendadas pela Fundação a quatro compositores de prestígio mundial – Karleinz Stockhausen, recentemente falecido, Iannis Xenakis, Luciano Berio e Emmanuel Nunes.

Finalmente, em 2007, a actividade da Fundação logrou grande reconhecimento público e foi distinguida por entidades terceiras, públicas e privadas, como é o caso da Secretaria de Estado do Turismo, que atribuiu à Fundação a Medalha de Mérito Turístico, e da Fundação Luso-Brasileira que atribuiu à Fundação o seu prémio anual na categoria de Política e Responsabilidade.

\*\*\*

Gostaria de sublinhar algumas linhas de força e destacar alguns projectos para 2008.

Como grandes eixos orientadores estão os desafios do tempo presente e as opções que enformam o futuro: a valorização das pessoas e da sua capacidade criadora no respeito pela diferença; e a relação equilibrada e justa do homem com a natureza, condição indispensável para a vida e a sustentabilidade.

Um novo Programa Gulbenkian designado Distância e Proximidade abordará, ao longo do ano, o tema do diálogo intercultural, inter-étnico e inter-religioso em articulação com as iniciativas da União Europeia - Ano Europeu do Diálogo Inter-cultural - e do Secretário Geral das Nações Unidas, “A Aliança das Civilizações”.

Atentos aos problemas das crianças e dos jovens, serão desenvolvidos o Programa Gulbenkian “Combate ao Abandono e Insucesso Escolar”, e os projectos “Crianças em Risco” e “Reinserção pela Arte”.

Também os Serviços Educativos de várias áreas da Fundação serão objecto de coordenação e articulação, tirando o melhor partido do respectivo potencial e pensando sobretudo nos seus destinatários, através do novo Programa Gulbenkian “Educação para a Cultura”.

Outro novo Programa Gulbenkian “Formação Médica Avançada” visa promover a melhoria de competências científicas em diferentes áreas da Medicina e cuja obtenção não é facilmente conciliável com o quotidiano da prática clínica.

No domínio do Ambiente e do respeito pela biodiversidade, o Programa Gulbenkian Ambiente prosseguirá e alargará a sua acção no apoio a projectos de investigação, desenvolvimento e demonstração; na sensibilização dos cidadãos e da opinião pública e na mobilização da sociedade civil para os diferentes aspectos da crise global do ambiente e para a necessidade da promoção de boas práticas. Também o Prémio Internacional Calouste Gulbenkian será, em 2008, atribuído a uma pessoa ou instituição com um contributo ou impacto significativo na relação do homem com a natureza.

Prosseguiremos o rumo traçado no domínio da participação da Fundação nas redes nacionais e internacionais de filantropia, com a responsabilidade acrescida das presidências do Centro Português de Fundações e, a partir de Junho de 2008, do Centro Europeu de Fundações. Esta eleição será um dos sinais visíveis da crescente intervenção internacional da Fundação onde se enquadra a participação, para além do Centro Europeu de Fundações, na Network of European Foundations for Innovative Philanthropy, no Parlamento Cultural Europeu, na iniciativa “A Soul for Europe”, e em parcerias com instituições multilaterais da cultura, da ciência e da ajuda ao desenvolvimento.

As aspirações, expectativas e problemas emergentes com que as sociedades contemporâneas se confrontam, exigem respostas adequadas e dimensionadas à escala global, com instrumentos eficazes e flexíveis, capazes de congregar a participação de todos os interessados – doadores, voluntários e beneficiários – e de permitir a permanente avaliação.

Os desafios que se colocam hoje à filantropia obrigam-nos a novas abordagens metodológicas, partindo dos problemas para as estruturas e meios de acção, num exercício persistente de melhorar o conhecimento e inovar na aplicação. Na tarefa de contribuir para o bem comum, é também o nosso desafio para 2008.

Bom Ano Novo!

*Emílio Rui Vilar*



António Guterres, Emílio Rui Vilar e Jorge Soares.

# SÉCULO XXI

## OS OBSTÁCULOS AO MOVIMENTO

O Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), António Guterres, encerrou a 20 de Dezembro o Fórum Gulbenkian de Saúde, com uma intervenção sobre as migrações intitulada “O Século XXI – O Século das Pessoas em Movimento”.

Observando que a última década marcou uma alteração nas preocupações principais do mundo, António Guterres diz que passámos do debate sobre as questões de *Progresso* (globalização e inovações tecnológicas) para o da *Ameaça*, consubstanciada nas preocupações com o terrorismo, as alterações climáticas e as pressões migratórias. Os movimentos migratórios fazem parte da História da Humanidade, mas no século XXI têm outra configuração, uma vez que apesar da globalização impulsionar o movimento nos mercados, a circulação de capitais, a comunicação, as pessoas vêm surgir, cada vez mais, obstáculos à movimentação. Os debates travados à volta destas questões pecam, segundo o Alto Comissário, por “falta de informação, populismo e algum apelo à irracionalidade”. O resultado é um agravamento de situações precárias, um sentimento eminente de risco por parte dos países que acolhem os migrantes e um controlo deficiente dos movimentos da população. A falta de controlo destes fenómenos tem levado ao surgimento de “verdadeiras multinacionais do crime, de enorme poder económico”. O Alto Comissário assume ainda que a “Europa não tem condições demográficas para garantir o seu crescimento económico, pelo que, nas próximas décadas, irá precisar de mais imigrantes”, notando a necessidade de reconhecimento dos benefícios das migrações.

Nos nossos dias, as sociedades desenvolvidas têm a tendência para considerar que o processo migratório é só delas, numa deslocação Sul-Norte, mas como lembra o Alto Comissário “há hoje muitas pressões Sul-Sul”. A pobreza extrema, a seca e outras consequências das alterações climáticas ou as guerras, motivam um outro tipo de fenómeno que é o dos deslocados internos (dentro dos próprios países), a partir do qual Guterres dá o exemplo actual do Darfur, com 2 milhões de pessoas ameaçadas, onde há violações dos direitos humanos e o próprio Estado é factor de agressão.

O Darfur representa, no entender de Guterres, “o mais trágico exemplo de impotência” da comunidade internacional. Se no passado era fácil identificar entre os que fugiam do seu país, os que necessitavam de protecção internacional, a actualidade demonstra a dificuldade em identificar as pessoas que têm necessidade dessa protecção, mas também os obstáculos que se colocam à intervenção da comunidade internacional, em nome de causas humanitárias. Depois da intervenção americana no Iraque, agravou-se a tensão entre “a soberania do Estado” e a “responsabilidade de proteger” que constitui um dos grandes entraves à aplicação do direito de asilo. Por isso, António Guterres defende a urgência de um “consenso internacional” alargado para pôr em prática essa responsabilidade de protecção, que terá de se estender até aos chamados países em desenvolvimento.

Outro desafio apontado joga-se na Europa. O responsável pelo ACNUR defende uma “maior consistência” no Sistema Europeu de Asilo e dá um exemplo: um iraquiano na Suécia terá 50% de possibilidades de conseguir o direito de asilo, enquanto na Grécia não terá nenhuma oportunidade. Encarando o Século XXI como o século das pessoas em movimento, cada vez mais involuntariamente, Guterres considera que é essencial a “cooperação para o desenvolvimento” e indispensável a “coordenação entre os países de origem e os de destino”. E acrescenta: há que aumentar a capacidade de combate ao contrabando e tráfico de pessoas humanas, um dos muitos crimes hediondos que mancham o nosso tempo, e incentivar as várias democracias a envolverem-se numa missão comum.

A conferência de António Guterres encerrou o Fórum Gulbenkian de Saúde, iniciado em 2006 e coordenado por Jorge Soares. Na abertura da conferência, o presidente da Fundação anunciou a continuação deste Fórum com um novo figurino: “um tema actual que condiciona o processo de desenvolvimento, designadamente europeu, com consequências na saúde, na protecção social e na economia: o envelhecimento da população.” O coordenador do novo Fórum de Saúde 2008 vai ser João Lobo Antunes. ■





António Barreto e Emilio Rui Vilar na sessão de lançamento do livro.

## O LIVRO DOS 50 ANOS DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

O lançamento da obra *Fundação Calouste Gulbenkian – Cinquenta Anos, 1956-2006*, coordenada por António Barreto, constituiu o último acto das comemorações do cinquentenário. São dois volumes que retratam a história e a acção da Fundação ao longo de meio século de existência, com textos de António Correia de Campos, António Nóvoa, António Pinto Ribeiro, João Confraria, Jorge Ramos do Ó, Jorge Simões, Jorge Calado, José Medeiros Ferreira e Kenneth Maxwell. “Uma perfeita síntese do espírito comemorativo”, considerou o presidente da Fundação na sessão de apresentação da obra, por simultaneamente “homenagear o Fundador e recordar gratamente a generosidade do seu gesto; invocar o passado da instituição e lembrar aqueles que a foram construindo; e estimular a reflexão prospectiva e abrir caminhos para o futuro”. Emílio Rui Vilar referiu ainda tratar-se de um documento essencial para “conhecer mais profunda e criticamente a Fundação” e o modo “como cumpriu a sua missão”, com “a autoridade da investigação”. Afirmando que “em qualquer balanço há sempre lugar para um mais-além” o presidente confirmou esse “dever de querer mais”, sublinhando o papel fundamental da Fundação hoje em dia, enquanto “âncora de valores” e “referência estruturante”.

António Barreto referiu-se, por seu lado, à “espécie de silêncio” que precedeu a redacção desta obra em virtude da ausência de trabalhos de investigação ou reportagens sobre a Fundação, apesar “da sua quase omnipresença em toda a sociedade portuguesa”. Elogiando o acesso sem reservas à documentação e o respeito pelas opções e critérios dos autores, afirmou “ter orgulho em ter podido



participar nesta operação de prestação de contas da Fundação”, que considerou “uma das mais importantes realidades portuguesas do último século”.

O que resultou da observação destes 50 anos, concluiu, “é uma actuação relevante e eficaz, de progresso e de conhecimento, de preservação do património e de criatividade, tanto dirigida ao mérito como à solidariedade”. O lançamento do livro marcou a abertura da Festa dos Livros 2007 que decorreu até 23 de Dezembro. ■



# CATÁLOGO RAISONNÉ DE AMADEO

**A** Fotobiografia de Amadeo de Souza-Cardoso é o primeiro de três volumes, a editar até final do próximo ano, que compõem o *Catálogo Raisonné* do artista. Com mais de 300 páginas, o livro resulta de um trabalho de investigação, iniciado em 2001, apoiado em vários fundos documentais e onde se destaca o espólio de Amadeo de Souza-Cardoso depositado na Biblioteca de Arte da Fundação, proveniente da doação da viúva de Souza-Cardoso ao Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. Só neste espólio estão inventariados e classificados cerca de 2400 documentos – fotografias, cartas, agendas, livros do artista e outra documentação avulsa. Simultaneamente, desenvolveu-se a pesquisa em torno de arquivos internacionais, o que veio confirmar o lugar de Amadeo no centro das vanguardas artísticas internacionais. Esta investigação revelou de modo claro as suas cumplicidades estéticas em torno do eixo

artístico Berlim-Paris. Todos estes dados foram determinantes para alicerçar o projecto da exposição *Diálogo de Vanguardas*, apresentado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2006 e que atraiu mais de cem mil visitantes. O volume encontra-se organizado cronologicamente. O material inédito pesquisado e publicado neste livro permite um conhecimento mais aprofundado da vida e da obra deste tão multifacetado artista que, como refere numa carta à sua futura mulher, tem “mais fases que a Lua”. A consulta das suas agendas foi determinante para perceber o enquadramento social e a sua rede de contactos, assim como foi decisiva a leitura das cartas trocadas com a sua mãe, reveladoras de uma grande cumplicidade e que muito contribuíram para melhor compreender a complexidade do perfil psicológico do artista.

A obra é vendida ao preço de 40 euros. ■

## AMADEO DE SOUZA CARDOSO EIN PIONIER AUS PORTUGAL EM HAMBURGO

**A** exposição foi inaugurada a 2 de Dezembro e poderá ser visitada até 30 de Março, na Ernst Barlach Haus, em Hamburgo. Citando Almada Negreiros, Emílio Rui Vilar referiu-se a Amadeo como “a primeira grande descoberta de Portugal no século XX europeu”. Ao lado da administradora Teresa Gouveia, o presidente da Fundação recordou as quatro exposições que decorrem em várias cidades europeias, com as obras ou a colaboração da Fundação Gulbenkian. Nesta mostra está bem patente a arte de experimentação

e inovação de Amadeo e a sua atitude de vanguarda presente nas pinturas, desenhos e um manuscrito. A concepção da exposição surge na sequência da preparação do *Catálogo Raisonné* e testemunha a ligação e cumplicidade estabelecidas entre o pintor e o país alemão, especialmente com a cidade de Hamburgo. Aqui, o artista fez a sua primeira exposição individual, para além de ter exposto noutras localidades alemãs, facto claramente justificativo deste novo acolhimento da sua arte em território germânico. ■



Rachel Reupke, Infrastructure, still de vídeo

# IDA E VOLTA: FICÇÃO E REALIDADE

## A INSPIRAÇÃO CINEMATOGRAFICA

Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão  
Até 1 Junho 2008

Christine van Assche, comissária da exposição, seleccionou 11 obras de artistas estrangeiros, unidos pela arte da expressão videográfica e pelo paradoxo entre o ficcional e o real, uma fronteira que permanece subtil. Neste processo, a curadora do Centro Pompidou teve como critério a escolha de trabalhos menos reconhecidos pelo público português, organizando-os de um nível mais ficcional para uma abordagem mais documental.

A reflexão sobre o real e a ficção e sobre questões como a esfera pública e privada surge logo à entrada da mostra, numa obra do cenógrafo Didier Fiúza Faustino. Na estrutura *Teatro de Operações*, o espectador é convidado a sentar-se e a observar três ecrãs que exibem imagens do jardim exterior e de câmaras de vigilância espalhadas pela exposição. Para a conversão da galeria central do CAM num grande cinematógrafo, Didier desenhou uma estrutura arquitectónica com salas de projecção (*blackboxes*) e um corredor pintado de um branco luminoso, acentuado pela colocação da luz. Este é um local de passagem com várias portas entreabertas, que incitam a uma próxima descoberta. Inspirado num filme de Godard, o cenógrafo quis criar um espaço que provoque o efeito de *reset*, tranquilizando o espectador e restabelecendo a serenidade para a obra que se segue. “Um momento de libertação do vídeo que se acaba de ver”, explica Didier Faustino.

Na primeira obra, de Laurent Grasso, ruas autênticas de

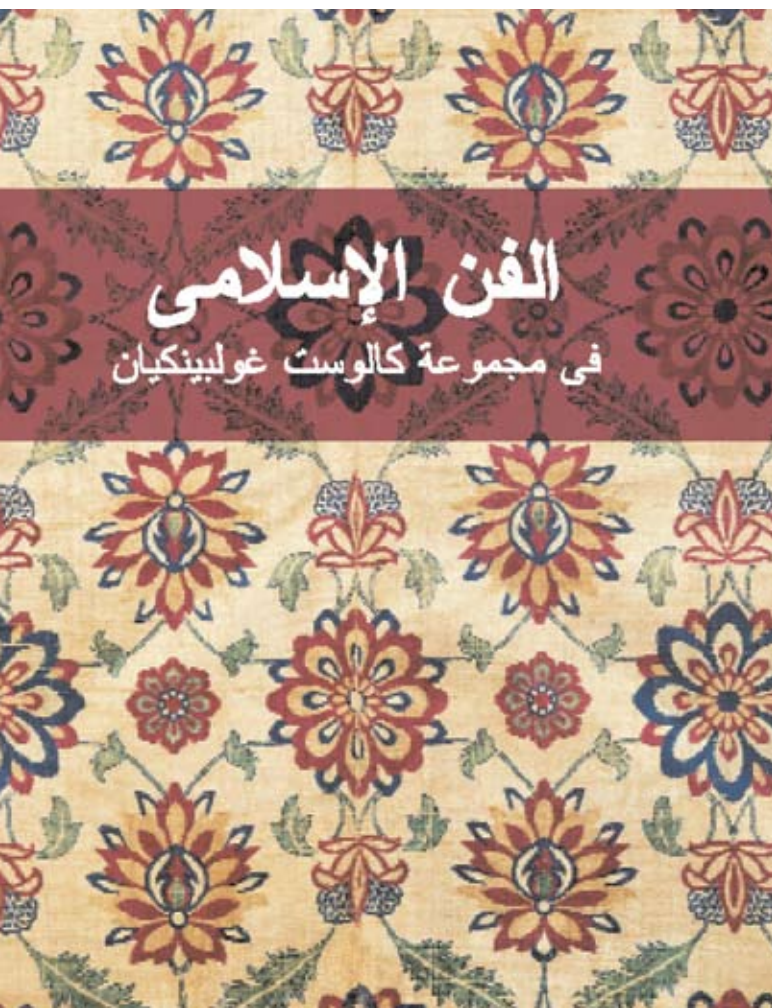
Paris são devoradas por uma nuvem poeirenta criada digitalmente. O tema central é a temporalidade limitada e esmagadora. Outra obra notável em termos de alusão cinematográfica é *Invisible Film*, de Melik Ohania, em que uma câmara roda um filme no meio de uma paisagem deserta. Aqui, a presença humana está desemparelhada da imagem e a ligação é feita através de um discurso abstracto exibido num ecrã no corredor, algo inovador. Clemens von Wedemeyer restabelece, em seguida, a ponte com o real. Inspira-se no realizador Michelangelo Antonioni para reflectir sobre as utopias da arquitectura moderna, filmando prédios abandonados após a queda do Muro de Berlim.

A obra mais intensa emotivamente é *Section of Happy Moments*, de David Claerbout. O filme resulta da montagem de milhares de fotografias de um único momento, captado de vários ângulos, a uma família chinesa que observa e tenta apanhar uma bola suspensa no ar. Perturbante é *La Jetée* de Chris Marker, um registo marcado pela ficção científica, sob o signo da guerra e da tortura. Alexandre Estrela, o único português da mostra, Rodney Graham, Jordi Colomar e Rachel Reupke (na foto) são outros artistas representados e que impelem o espectador a uma atitude activa e interactiva com as obras projectadas. O nível documental atinge o seu auge na obra de Isaac Julien, *Phantome Afrique*, a última, em que três retratos possíveis do continente africano rodam em três ecrãs, simultaneamente. ■





# ARGEL RECEBE ARTE ISLÂMICA DA COLEÇÃO GULBENKIAN



A exposição *L' Art islamique dans la collection Calouste Gulbenkian* apresenta um conjunto de 50 obras das mais variadas áreas da Arte do Oriente islâmico, desde finais do século XII até ao século XX, que documenta não só a produção artística dos povos representados, como o apurado gosto de Calouste Gulbenkian. Inaugurada a 17 de Dezembro, no Palácio da Cultura da capital argelina, a selecção inclui cinco núcleos distintos abrangendo cerâmicas da Pérsia seljúcida, da Síria e da Turquia otomana, uma lâmpada de mesquita, em vidro esmaltado do Egipto ou Síria mameluca, um núcleo de manuscritos iluminados e encadernações da Pérsia safávida e qajar e ainda exemplares da arte do livro da Turquia otomana, bem como peças lacadas da Pérsia qajar. Ainda no âmbito das artes decorativas do mundo islâmico, inclui-se igualmente um grupo de tapetes executados na Pérsia safávida e Turquia otomana, bem como um conjunto de sedas e veludos da requintada produção da Pérsia, da Índia, da Turquia e da Ásia central. Um catálogo profusamente ilustrado, com textos das conservadoras responsáveis pelos núcleos apresentados, Maria Fernanda Passos Leite e Maria Queiroz Ribeiro, acompanha a exposição, com edições em francês e árabe. A exposição tem o alto patrocínio do Presidente da República da Argélia e do primeiro-ministro de Portugal e integra-se no âmbito da iniciativa *Argel, Capital da Cultura Árabe 2007*. ■





Charles-François Daubigny, Margens do Oise

## PINTURA DE PAISAGEM NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

**A** paisagem reveste-se de uma importância única na coleção de pintura do Museu Calouste Gulbenkian. Não só constitui o género mais representado – mais de metade das obras de pintura reunidas por Calouste Gulbenkian são paisagens –, como integra representações essenciais à compreensão cronológica e estilística de um dos mais difundidos temas da arte ocidental. Um DVD recentemente lançado, de autoria e coordenação geral de Luísa Sampaio, propõe, através de um vídeo e de uma aplicação interactiva, uma viagem de descoberta da pintura de paisagem na Coleção Gulbenkian, através das suas obras mais relevantes.

Um dos primeiros exemplos apresentados é o *Busto de S. José* de Rogier van der Weyden. Nesta obra, a natureza surge ainda de forma subtil e pouco destacada, com um intuito decorativo ou de contextualização. Noutros exemplos irrompe de forma algo hostil, selvagem e intocável pelo ser

humano, como uma floresta inóspita ou um terreno desconhecido. Evoluindo para outras fases, as representações dos pintores venezianos do séc. XVI permitem um outro estatuto à paisagem, como é o caso da obra *Sagrada Família e Doadores* de Carpaccio. Por vezes a natureza reveste-se de um dinamismo e densidade únicos, com um carácter arrebatador e misterioso. A obra de Jean-Honoré Fragonard, *Festa em Rambouillet*, exhibe uma paisagem fantástica, plena de voluptuosidade, com uma vegetação luxuriante a tocar o irreal e já remetida para um primeiro plano. Outras paisagens surgem, desta vez tendo como elemento central da composição a água, que surge a par do céu turbulento em obras intensas como as de Joseph William Turner, ou perfazendo um todo harmonioso e ideal, nas representações dos canais de Veneza, como é realçado no quadro de Francesco Guardi *O Grande Canal*. O DVD tem a duração de 38 minutos e o preço de 18 euros. ■

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

# SUCESSO & INSUCESSO

## ESCOLA, ECONOMIA E SOCIEDADE

19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2007

# SUCESSO SÓ COM TRABALHO

**POR ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA**

*Durante dois dias, especialistas nacionais e estrangeiros discutiram questões relacionadas com o sucesso e insucesso na escola, na economia e na sociedade. O jornalista António José Teixeira foi o relator convidado que apresentou, no final, o seu ponto de vista sobre os debates.*

**E**sta não é uma acta nem um resumo de todas as intervenções que povoaram esta conferência. É uma leitura necessariamente pessoal em que sublinho algumas das muitas ideias interessantes que fizeram o sucesso desta iniciativa da Fundação Gulbenkian. Registo, aliás, que a reflexão sobre a economia da Educação, por exemplo, vem dos anos 60 e já na altura foi apoiada pela Gulbenkian, o que apenas confirma o seu pioneirismo e evidencia o contraste com um discurso político tantas vezes desfasado da exigência histórica.

Aprendi muito nesta conferência. Foi uma boa oportunidade, julgo que para todos, de acrescentar racionalidade, compreensão, clareza, aos nossos desafios de desenvolvimento. Oportunidade também para dar solidez à resposta necessária ao nosso atraso em tempo de globalização e da economia do conhecimento.

Precisamos de encarar a Educação como uma responsabilidade de todos, que não começa nem acaba na escola, mas que deve ter na escola uma plataforma à altura dos desafios da sociedade. Daí que os investimentos, incluindo os financeiros, devam ser proporcionais às possibilidades e ambições dos cidadãos.

Nesta conferência importa, antes de mais, destacar o contributo da investigação científica para o questionamento de “evidências” tantas vezes aparentes e que fazem caminho pela intensa mediatização da vida social.

É esta investigação desejavelmente multidisciplinar que permite identificar vectores que explicam processos de aprendizagem. É também esta investigação que nos permite perceber como funciona o balanceamento do capital humano e do capital social na desejada economia do conhecimento. Quanto mais claros forem os processos biológicos e sociais, melhor poderemos decidir e agir.

Uma primeira evidência que surge em fundo para este debate é a de que a Educação tem vindo a ganhar uma importância crescente no discurso político, mesmo que algumas vezes se reduza a uma determinante contabilística, ao obreirismo da construção civil ou aos milagres da tecnologia. Contudo, apesar de a Educação ainda fugir aos lugares cimeiros das preocupações sociais nos barómetros de opinião, há uma consciência crescente da importância do trabalho educativo nos sucessos e insucessos pessoais e profissionais. A globalização acentua a competitividade.



António José Teixeira, John Field, Eduardo Marçal Grilo e Manuel Villaverde Cabral.

A concorrência económica exige formação, especialização, formação pós-escolar, formação contínua, Educação ao longo da vida. Tudo se conjuga para que a Educação seja a grande indústria do futuro, se não já a do presente.

Num estudo muito interessante – *A Escola em Portugal* –, Ana Nunes de Almeida e Maria Manuel Vieira chamam a atenção para a extensão progressiva da escola, a expansão da escola, que se massificou na infância, mas que foi ganhando a ambição de ‘invadir duradouramente a vida adulta’. Uma extensão em nome da cidadania, de uma literacia que se quer permanentemente actualizada, por um lado, e de um requisito de empregabilidade que só ela – a Educação – parece saber e poder outorgar. Aqui chegados, reconhecem as investigadoras, a expansão da forma escolar prova que, afinal, a designada “crise da escola” se salda em “mais escola”.

O sucesso, para recuperar a citação de Einstein usada pelo professor Alexandre Castro Caldas, “só vem antes do trabalho no dicionário”. Ou seja, o sucesso dá trabalho. Um trabalho que, tendemos a ignorar, é antes de tudo e sempre cognitivo. A conferência do professor Castro Caldas foi um deslumbramento, no sentido em que nos guiou de uma forma quase poética pelos meandros da criação da vida, da formação do sistema nervoso, do cérebro e suas competências. Mesmo percebendo eu pouco de sinapses, ficou evidente a importância de um bom plano, a sensibilidade e a delicadeza de como se resolvem problemas à medida que se ganham competências, se entra em competição, se obtém sucesso, colaboração, boas relações. É estimulante ouvir que o destino das células não está pré-determinado, que o caminho se faz caminhando. E se o cérebro é um órgão adaptativo cujo desenvolvimento depende de inúmeras influências e interações,

## NOVO PROGRAMA GULBENKIAN COMBATE INSUCESSO ESCOLAR

**E**ste programa incidirá nos níveis de escolaridade não superior e procurará apoiar a execução de projectos educativos replicáveis, que ajudem a combater o abandono e o insucesso escolares. Com a duração de seis anos e avaliação externa à Fundação, o programa procurará também produzir alguma reflexão sobre estas matérias, apoiando a realização de estudos, de seminários, de *workshops* e de outras reuniões, nacionais e internacionais. Esta iniciativa vem sublinhar a relevância do tema para a Fundação e, nas palavras de Emílio Rui Vilar, a necessidade de “o nosso país integrar todos”; o presidente da Fundação defende ainda que o país “não pode votar ao insucesso os que se debatem com dificuldades, tal como não deve continuar a ignorar os que, nascidos com especiais capacidades, não encontram na escola o ambiente propício ao florescimento do seu talento”. O Programa Gulbenkian procurará abordar várias questões relevantes, como a importância do desenvolvimento educativo precoce; o envolvimento parental e da comunidade na educação das crianças e dos jovens; questões relacionadas com a diversidade cultural na escola, atendendo especialmente à integração educativa dos imigrantes, ou o impacto do sucesso/insucesso educativo no desenvolvimento económico de Portugal. Serão estabelecidas colaborações com algumas entidades, públicas e privadas, para potenciar a intervenção da Fundação nesta área. ■



isso pode levar-nos a exclamar, como fez o professor Marçal Grilo, desculpem-me a inconfidência: “Será que o cérebro é só meu?!”

Em qualquer caso, fica evidente a enorme responsabilidade do bom plano para se estar à altura dos desafios dos processos biológicos, parceiros do desafio maior, integrado, do desenvolvimento.

Mais tarde ou mais cedo, lembrou-nos a prof.<sup>a</sup> Isabel Hub Faria, a Educação terá de reconhecer e assumir a vertente cognitiva, uma ponte inevitável *Mente – Cérebro – Educação* na procura de sucesso e de produtividade sustentada. As experiências realizadas, como a do registo do movimento dos olhos na leitura, são demonstrativas das vantagens em associar as neurociências ao processo educativo. Permitiram-nos também comprovar como exames nacionais de Matemática se perdem nos labirintos de interpretação da Língua Portuguesa, mais do que na avaliação directa da Matemática. À atenção de quem de direito...

Tomei também devida nota de um conjunto de preocupações como sejam:

- a formação de professores na perspectiva da interacção e integração de conhecimentos de diversas disciplinas;
- a actualização nos programas do ensino obrigatório de conceitos que implicam o reconhecimento da capacidade biológica humana para a linguagem natural;
- ou a observação da pertinência de conceitos da psicologia cognitiva na prática escolar, nomeadamente no ensino explícito das línguas.

São contributos de uma investigação continuada, hoje muito preocupada com a influência do desenvolvimento neurológico na cognição social durante a adolescência. Perguntas interessantes, como a de saber como é que o meio envolvente interage com as mudanças no cérebro no que toca ao desenvolvimento da cognição, cujas respostas podem ajudar-nos – como afirma a professora Sarah-Jayne Blackmore – a actuar perante comportamentos anti-sociais nas nossas escolas secundárias.

A ideia de que o sucesso não é um dado adquirido, que é, como no mito de Sísifo, uma escalada permanente e inacabada da montanha, remete-nos para a atitude inconformista perante a “mortalidade escolar”, uma expressão do professor José Verdasca que me ficou na memória e que, podendo parecer cruel, não é mais do que a tradução do insucesso.

As experiências que, entre nós e lá fora, não se rendem ao fatalismo e encontram respostas adequadas, nomeadamente de reorganização dos processos educativos, são reveladoras de uma atitude lúcida e persistente que importa multiplicar.

Os diagnósticos são importantes para podermos ter um

bom plano, corrigir disfunções e replicar boas práticas. O estudo do ISCTE em três agrupamentos escolares põe a nu realidades diversas, ainda assim representativas das condições de êxito e eficácia da escola portuguesa.

Fica claro, pelo que contou a professora Madalena Matos, que a organização administrativa e pedagógica é um nó vital neste processo, seja no que concerne à mobilidade dos professores, acompanhamento dos alunos, coerência dos ciclos de aprendizagem, liderança da escola ou relação com os pais.

Fica também claro que falta estabilidade de regras e procedimentos, que as sucessivas e contraditórias decisões políticas a põem em causa, que há demasiado trabalho burocrático, que sem uma boa relação entre a escola e o seu contexto não há milagres, e que a necessária avaliação das escolas terá de ser mais completa para poder ser útil.

Registo, pelo exemplo e bom entendimento do papel do professor – porque o professor não deve ser um mero funcionário mais ou menos diligente –, as boas práticas de uma designada “velha guarda” de docentes “empenhados e apoiados por órgãos de gestão dinâmicos”. Mesmo que os desabafos da sua “carolice” revelem a pouca atenção dada às suas boas práticas. Mesmo que tudo pareça resumir-se a um voluntarismo expresso nestas palavras: “Obviamente que é mesmo por carolice, porque ninguém agradece, ninguém paga por isto e estamos todos os dias debaixo de pressão e sempre com mais trabalho.”

Grito de alma de professor numa escola que precisa de clareza quanto ao que se espera dela. “Como não se define o que se quer da escola, exige-se-lhe muito. É preciso um contrato com a escola”, disse a dra. Maria José Nogueira Pinto. Devemos exigir-lhe “sucessos mínimos” e garantir-lhe autonomia com responsabilização, nas palavras do professor Nuno Crato. Salvar a escola pública implica resolver em simultâneo os problemas do sucesso, da qualidade, da equidade e dos custos. O programa ambicioso que o professor José Ferreira Gomes aqui projectou aponta para uma escola que não tem de ser igualitária nem fazer reengenharia social, que deve ‘apoiar cada aluno à medida das suas necessidades educativas’ e entender a equidade como ‘a criação de oportunidades só dependentes do potencial e do interesse do aluno e da família’.

A palavra “sucesso” desagradou a Maria José Nogueira Pinto, preocupada com os estereótipos da televisão, mas não divergiremos quando o entendemos como “possibilidade de todos encontrarem condições favoráveis ao seu desenvolvimento pleno”, na definição do dr. Rui Vilar. Uma escola de sucesso, diz o professor Ferreira Gomes, é aquela onde “cada aluno seja levado até ao seu máximo potencial”. Sucesso é decerto melhorar os desempenhos, conviver com maior heterogeneidade, ser flexível, manter os jovens na escola até aos 16 anos.



Manuel Villaverde Cabral, Eduardo Marçal Grilo, Maria de Lurdes Rodrigues, Emilio Rui Vilar e Alexandre Castro Caldas.

Preocupe-nos muito ou pouco o ensino superior, o enfraquecimento da classe média ou a fragilidade dos indicadores sociais, parece-me inquestionável o apelo de Nuno Crato para militarmos a favor do sucesso, para nos envolvermos num trabalho cultural a favor da escola. Uma escola a que se colocam desafios e exigências como os enunciados pela sra. ministra da Educação: abertura, autonomia e qualidade das competências. Exigências legítimas para um ministério que deveria ser sobretudo regulador e avaliador, disse-o aqui o professor José Ferreira Gomes. Deixo apenas as minhas reticências ao exaustivo conjunto de condicionantes da autonomia enunciado pela professora Maria de Lurdes Rodrigues. Uma autonomia pouco autónoma, se me permitem...

Já lá vai o tempo, embora persistam alguns complexos, em que a Educação resistia à avaliação económica, à busca de racionalidade, à percepção da lógica da decisão política, dos investimentos e dos resultados. A economia da Educação – julgo que ficou aqui suficientemente demonstrado – é uma exigência da cidadania, um direito a percebermos como tem evoluído a capacidade de criação de capital humano. Sabemos, como referiu o professor António Candeias, que Portugal é o país da Europa menos escolarizado no séc. XX, que os grandes investimentos nos anos 80-90 chegaram aos valores (em termos de percentagem do PIB) que as sociedades mais avançadas já tinham atingido nos anos 50-60. É claro que o investimento em Educação é apenas um dos factores de crescimento do stock de capital humano, mas ajuda a perceber as dinâmicas tardias que colocam ainda as actuais habilitações dos portugueses apenas ao nível de países que se situam fora da Europa – Brasil, México ou Turquia –, mesmo que não tenham uma correspondência directa com a riqueza *per capita* desses países.

Pedro Teixeira constatou o facto de o poder político estar sensível à agenda do debate económico, que tem chamado a atenção para a necessidade de os poderes públicos assumirem um papel importante nas ‘políticas de qualificação e promoção da inovação tecnológica’.

A Educação e a formação surgem assim num terreno em que se espera que o crescimento da produção de riqueza seja compatível com as preocupações de equidade e mobilidade social. Grandes expectativas, portanto, sabendo-se como se sabe que as mudanças obedecem a um tempo longo, que exige atenção, persistência, amparo e protecção, nomeadamente no ensino secundário, considerado um patamar prioritário.

O grande fosso que nos separa da maioria dos países da OCDE não é no ensino superior, onde não temos diferenças tão significativas. O nosso principal problema está no baixo número de alunos que terminam o ensino secundário.

O investimento em capital humano exige retorno e avaliação dos beneficiários, seja em termos individuais seja no todo social. E, se é verdade que o investimento em Educação, em termos económicos, parece ser algumas vezes um desperdício, a investigadora Anna Vignoles conclui que “o retorno pecuniário da Educação continua a ser alto e há poucas provas de que os lucros provenientes do investimento na Educação estejam a diminuir”. Uma conclusão que lhe permite ir mais longe e provar que “quem previa um aumento de procura de trabalho especializado e incentivou os governos a fazerem mais investimentos na Educação, para dar resposta ao desafio de transformar a economia numa economia baseada no conhecimento, tinha razão”.

Nem por isso deixa, contudo, de aconselhar cautelas. Cautelas com a saturação do mercado em certas especializações, pois, permitam-me que sublinhe a afirmação de



Eduardo Marçal Grilo e Manuel Villaverde Cabral.

Anna Vignoles, “os decisores políticos têm de ter a consciência de que a Educação não é um bem homogéneo, e de que o sistema de Educação tem de fornecer as especializações de acordo com a procura dos empregadores”.

Em Portugal, contabilizam-se números significativos de destruição de empregos qualificados e de um elevado número de licenciados em dificuldade para encontrarem emprego. Se é verdade que existem especializações desadequadas das necessidades do mercado, Pedro Teixeira diz que “os dados sobre a evolução do emprego de licenciados contrariam fortemente algumas ideias bastante enraizadas, mas sem grande fundamento empírico, acerca da empregabilidade dos licenciados”. Ainda assim, há um contexto adverso, agravado pelas desigualdades na distribuição do rendimento para idênticos níveis educativos. Em qualquer caso, os números parecem comprovar que a taxa de retorno do investimento português em Educação é elevada e que existe uma relação estável de longo prazo entre capital humano, produtividade e capacidade de inovação. O que em nada desmente a desilusão sobre os fracos, muito fracos, resultados atingidos. Não basta, como diz o professor Jaime Reis, atirar dinheiro para dentro da caixa preta. São necessárias mudanças qualitativas. Falta um choque que transforme a desilusão em maior exigência.

Muito interessante nesta conferência foi também a ideia da formação de capital social sob a forma de rede de contactos, de relações, que podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social. A Educação tem um papel relevante na criação de capital social. Como diz o professor John Field, vale a pena sublinhá-lo, “uma escola de sucesso não é apenas aquela que produz altos níveis de conhecimentos, é também aquela que tem consciência do seu impacto enquanto instituição numa comunidade mais vasta”.

O sucesso e o insucesso podem ser lidos à luz do capital social mobilizável. O professor Michael Woolcock defende que, quando precisamos de ultrapassar uma crise, a família, os amigos e a rede de relações em que nos movemos são

fundamentais não apenas em termos de segurança, mas de capacidade de desenvolvimento de projectos. Encorajar a interacção entre pessoas nos diferentes patamares das suas vidas valoriza o capital social e torna-o num importante factor de produção e de troca. É por isso que Woolcock considera que “ser pobre é também não ser membro de certas redes sociais ou instituições”.

A evolução do associativismo pode ser um barómetro do grau de Educação. Não será por acaso que os registos disponíveis em Portugal, referidos pelo professor João Freire, dão conta de baixos níveis de envolvimento associativo e de uma mudança de natureza das próprias associações, hoje muito profissionalizadas, as tais associações que quase não precisam de associados.

Não parece haver dúvida sobre a relação íntima entre a Educação e o capital social baseado em laços mais ou menos próximos. Mas, alerta-nos John Field, sabe-se pouco sobre a influência das novas tecnologias no estabelecimento de redes de relacionamento entre os mais jovens.

Tal como se sabe pouco sobre o capital social de organizações como a escola.

É preciso – repito as palavras do professor Field – “compreender os mecanismos de criação de capital social dentro da escola e na sua relação com a comunidade, e identificar formas de potenciar os seus efeitos na Educação e na justiça social”.

Desconfio, digo eu, que passa por aqui boa parte do segredo do sucesso ou insucesso escolar. Desconfio que passa por aqui a satisfação no retorno do investimento que a sociedade faz na Educação. Desconfio que passa por aqui uma relação mais exigente entre o Estado, as instituições, as famílias, os estudantes e os empregadores.

Aqui chegado, regresso ao princípio. Os números e as realidades do insucesso e abandono escolares interpelam-nos a todos.

Como lembrou o dr. Rui Vilar, “não é por falta de debate que não temos mais sucesso”. É preciso sublinhar e repetir que a formação, o processo educativo, não terminam quando se sai da escola, seja ela qual for. Há uma requalificação permanente. A Fundação Gulbenkian, a quem devemos mais esta oportunidade de argumentar e reflectir, há muito se interessa por estes problemas e os colocou no seu plano de acção, como aqui ficou demonstrado. A notícia sobre o Portal Casa das Ciências, que vai disponibilizar conteúdos de referência, e sobretudo o Programa de Combate ao Insucesso e Abandono Escolar, que nos próximos seis anos se vai centrar no ensino não superior, são duas excelentes notícias.

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian pediu-nos, no início desta conferência, “referências úteis”. Ficam registadas algumas, entre muitas que vale a pena fixar e re-visitar. Agora só falta mesmo... agir. ■



## DESAFIOS DA EDUCAÇÃO EM EDIÇÕES DO UK BRANCH

A delegação do Reino Unido da Fundação Gulbenkian deu à estampa dois estudos sobre problemáticas educativas nas sociedades contemporâneas. Tim Gill em *No Fear – Growing up in a risk averse society* questiona esta obsessão pelo risco, alertando para possíveis consequências negativas no crescimento da criança. A investigação de Adam Abdelnoor, *Managed Moves – A complete guide to managed moves as an alternative to permanent exclusion*, sugere pistas para a aproximação da escola a crianças e jovens em risco de exclusão. Duas obras que enriquecem o cardápio de edições do UK Branch, mantendo a Educação no topo das suas prioridades.

Esta é uma área nobre de intervenção do UK Branch, que financiou o Children's Play Council para promover ruas seguras para as crianças, entre muitas outras campanhas e actividades. De 1997 a 2004, Tim Gill dirigiu este conselho, que veio a inspirar um programa governamental de 30 milhões de libras e deu exemplo a uma centena de projectos que existem hoje no Reino Unido. Da autoridade que o torna um dos mais importantes pensadores sobre a infância no país, Tim Gill nota, na obra agora publicada, a mudança social que se operou nas últimas três décadas: actividades e brincadeiras comuns às gerações anteriores foram rotuladas de perigosas, mas este comportamento anti-risco está, ele próprio, a minar a infância. Acompanhando crianças dos cinco aos onze anos, Tim Gill observa como esta miríade de restrições é contraproducente e intrusiva nas suas vidas. A aversão ao risco restringe as brincadeiras e jogos, a liberdade de movimentos, corrumpo as relações com os adultos e constringe a exploração dos mundos físico, social e virtual. Por isto, o autor defende uma política de equilíbrio entre a protecção das crianças de ameaças reais e a neces-



sidade de lhes dar oportunidades para aprenderem e crescer. O psicólogo Adam Abdelnoor propõe em *Managed Moves* uma aproximação humana e efectiva à gestão de crianças em permanente risco de exclusão escolar. É autor de *Preventing Exclusions* e professor há mais de 30 anos, trabalhando com crianças em risco de exclusão desde 1989. Nesta obra, a primeira do género, apresenta um guia detalhado sobre como facilitar e desenvolver uma estratégia de abordagem e planos de recuperação para alunos permanentemente excluídos – incluindo estudos de caso, cartas-modelo e guiões. Neste sentido, é recurso útil para professores e gestores de inclusão, governo, autoridades educacionais, judiciais e sociais, escolas, centros de educação, entre outros. A delegação do Reino Unido vai promover o seu uso nas escolas e pelas autoridades locais. ■

## REABERTURA DA BIBLIOTECA GULBENKIAN EM JERUSALÉM

Ao fim de 20 anos, reabriram-se as portas da Biblioteca Calouste Gulbenkian em Jerusalém. Restaurada e munida de novos equipamentos, mais modernos e inovadores, com o financiamento da Fundação e do St Sarkis Charity Trust de Londres, a Biblioteca está situada num magnífico edifício de pedra que Calouste Gulbenkian, em virtude da grande paixão que nutria pela cidade santa, mandou construir em 1932, sob os auspícios do Patriarcado Arménio.

Do seu espólio fazem parte incunábulo de literatura europeia e oriental, uma colecção alargada de jornais arménios desde o século XVIII, para além de uma das colecções mais importantes a nível mundial de obras e ensaios de arme-

nologia. A partir de agora, a Biblioteca será também um local aberto a debates académicos, susceptíveis de estabelecer um diálogo entre os povos sobre questões actuais, reencontrando assim o seu papel de farol intelectual em Jerusalém.

Na cerimónia de reabertura da Biblioteca estiveram presentes, em representação da Fundação Gulbenkian, o administrador Martin Essayan e a directora-adjunta do Serviço das Comunidades Arménias, Astrig Tchamkerten. Martin Essayan, Paul Gulbenkian e Astrig Tchamkerten receberam a medalha de honra do Patriarcado Arménio em Jerusalém, pela sua contribuição para a reabertura do espaço. ■



António Vitorino, Isabel Mota, Maria Lucinda Fonseca (ao centro) acompanhados (da esquerda para a direita) pelos representantes das Fundações Luso-Brasileira, Aga Khan, Luso-Americana para o Desenvolvimento e Portugal-África.

## EMPREENDEDOR IMIGRANTE DO ANO E BOAS PRÁTICAS AUTÁRQUICAS DISTINGUIDAS

**A**romena Elisabeta Ecaterina Necker venceu a primeira edição do Prémio Empreendedor Imigrante do Ano, promovido pela Plataforma Imigração. O galardão foi entregue a 18 de Dezembro, Dia Internacional dos Migrantes, na mesma cerimónia em que a Plataforma distinguiu as Melhores Práticas Autárquicas 2006 neste âmbito: iniciativas do GARSE – Gabinete de Assuntos Religiosos e Sociais Específicos, da Câmara Municipal de Loures, e o Pacto Territorial para o Diálogo Intercultural, Espaço Cidadania, da autarquia do Seixal. A Câmara da Amadora recebeu uma Menção Honrosa pelo projecto Parlamento Infantil. Na primeira edição do Prémio Empreendedor Imigrante do Ano, o júri, presidido por António Vitorino, decidiu reconhecer a capacidade empreendedora num sentido lato, abrangendo não só uma actividade de criação de empresas, mas também uma vertente de responsabilidade social pró-activa. O prémio de 20 mil euros, foi entregue a uma imigrante que é disto exemplo. Elisabeta Ecaterina Necker reside em Portugal desde 2000. É licenciada mas, nos primeiros tempos, trabalhou em limpezas e na construção civil. Hoje é empregada de contabilidade em Almansil e tradutora, tendo dinamizado e criado várias associações, nomeadamente de imigrantes romenos. Ao prémio puderam candidatar-se imigrantes com autorização de residência em Portugal há mais de cinco anos.

Através de um concurso, a Plataforma elegeu também as Melhores Práticas Autárquicas 2006. Premiou as iniciativas do GARSE da Câmara de Loures, que promove o associativismo imigrante, a intervenção e participação da comunidade na resolução dos problemas, a convivência entre comunidades, grupos e etnias e a dinamização de uma sociedade intercultural. Entre as candidaturas apresentadas, distinguiu ainda o Pacto Territorial para o Diálogo Intercultural, da Câmara Municipal do Seixal, integrado no Espaço Cidadania. O projecto funciona diariamente (550 utentes, em média, por mês), assegurando o atendimento, acolhimento e apoio à regularização de imigrantes, pedidos de nacionalidade, reagrupamento familiar, vistos e aconselhamento jurídico. No quadro do Pacto tem sido dada especial atenção e apoio ao associativismo imigrante e à dinamização de intercâmbios com os países de origem dos imigrantes.

A Plataforma Imigração foi criada para promover os princípios básicos comuns para a integração de imigrantes definidos pela Comissão Europeia. Integra diversas fundações, os parceiros sociais e outras organizações da sociedade civil, que têm vindo a desenvolver actividades em torno do tema da imigração. Algumas autarquias de todo o país aderiram também à iniciativa. ■

# O PASSADO E O FUTURO

## OS ARQUIVOS DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

**E**ste é um local de livre acesso apenas para os que cá trabalham; para os que todos os dias tratam documentos e mais documentos, histórias, revelações, números, memórias. É quase como um cofre-forte, situado no piso -2, longe dos olhares indiscretos e num espaço sem janelas, com temperatura adequada à sobrevivência dos materiais, reservado para os que querem ou precisam de saber mais sobre a história da Fundação Gulbenkian, do seu fundador e dos vários momentos que o país atravessou, ao longo de 50 anos.

Ultrapassada a porta de entrada chega-se à sala dos “sujos”, de tudo o que vem de fora e precisa de ser limpo, expurgado, para depois ser trabalhado e convenientemente arquivado. Os funcionários examinam as condições em que chegam os documentos e usam as várias máquinas que eliminam agrafos e outros metais que danificam os papéis, o ar comprimido para limpar, pincéis e capas novas para guardar. Nas salas seguintes trabalham os arquivistas, que vão identificando, indexando e catalogando os vários documentos – processos de concessão de bolsas, candidatos, relatórios sobre determinado projecto, documentação que pertenceu ao Fundador ou às antigas administrações. Por iniciativa do presidente da Fundação, o arquivo foi construído para albergar todo o material depositado em áreas diversas, de forma a preservar e a organizar a memória da instituição. Neste arquivo há também a memória do fundador, da sua família e dos negócios que desenvolveu, das actividades da Fundação e das pessoas que estão ou estiveram ligadas a ela. Uma história de 50 anos que ultrapassa em muito esta temporalidade porque conta a história de um homem, Calouste Gulbenkian, da sua obra, do que se lhe seguiu e dos países que atravessou – do Médio Oriente ao Portugal de Salazar, passando pelas elites portuguesas que a Fundação ajudou e pelas muitas actividades em que continua a ter um papel preponderante.

Na sala mais longínqua, com porta antifogo e temperaturas muito baixas ficam os arquivos dos materiais fotográficos, sobretudo a cores, e o depósito de todos os documentos arquivados, mas também dos que falta tratar. Um trabalho de colaboração com a direcção da Biblioteca de Arte, coordenado por João Vieira, consultor da FCG para os arquivos.



### O QUE REPRESENTA, EM TERMOS DE INTERESSE E DE OBJECTIVOS EXTERNOS E INTERNOS, A INSTALAÇÃO E TRATAMENTO DE UM ARQUIVO NUMA FUNDAÇÃO?



Em termos internos, o arquivo é um recurso básico para uma instituição, qualquer que ela seja, porque garante o suporte de informação e de prova relativamente às suas actividades e negócios correntes. Em segundo lugar, é uma ferramenta que deve estar ao serviço do pensamento estratégico,

do planeamento e controlo das actividades organizacionais. Do ponto de vista da instituição produtora, o arquivo deve ainda ser fundamento da memória da organização e dos seus colaboradores e, nesse sentido, factor essencial de identidade. Por fim, e agora considerando o seu potencial para a sociedade, o arquivo pode ser fonte de investigação científica e técnica em áreas concretas, repositório de memórias pessoais e de comunidades e, em certos casos, mesmo fonte de fruição cultural. No caso dos arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian, todas essas funções são convocadas. Além disso, no âmbito da sua actividade de apoio financeiro às mais diversas actividades – já para não falar na sua acção directa –, a Fundação acaba por promover directa e indirectamente a produção de informação e de conhecimento sobre todas essas experiências. Este arquivo documenta, pois, não só a experiência promotora da Fundação, como a experiência dos agentes económico-sociais deste e de outros países, sobretudo nos domínios em que se inscrevem as suas áreas estatutárias.



« LES LIVRES D'ARTS ET MÉTIERS DES JARDINS »

25

N°	Auteur et titre de l'ouvrage
2. 455	ARNDT (Andreas) - L'art des jardins - Traité général de la conception des parcs et des jardins
2. 456	FRUQUEN (Lucien) - De l'art dans les jardins de 1800, au 19 <sup>e</sup> siècle
2. 476	FRUQUEN (Luc) et ARNDT (And.) - Des divers styles de jardins, modèles de grands et petits jardins modernes, sur l'art général des jardins - Jardins européens et américains
2. 477	La Gazette illustrée des amateurs de jardins
2. 478	GRAND (G.) - Jardins de la Côte d'Azur
2. 479	GRAND (G.) - Jardins d'Espagne
2. 480	INDO (Indo) - The art of garden design in Italy
2. 477	INDO (Indo) - Formal gardens in England and America
2. 483	SAINT-SOUVEN (H.) - Architecture et décor des jardins
2. 484	SAINT-SOUVEN (H.) - Les beaux jardins de France
2. 484	WHEAT (H.) - Les jardins de la France - Des crèches à la Fin du XVIII <sup>e</sup> siècle
2. 484	WHEAT (H. & V.) - Beautiful flowers and how to grow them
2. 485	WHEAT (H.) - GARDEN TREES and SHRUBS
2. 487	Le Jardin (Le) - Journal de l'illustration des jardins et gardening (1880-1890)
2. 488	LILIES, their culture and management
2. 489	The Italian style's list of roses

25

19 25

Mois	Jour	Titre de l'ouvrage	Autres	Prix	Mois	Jour	Titre de l'ouvrage	Prix		
Sept	12	<u>BESOMBES Paris</u>			Mai	30	<u>KEHAYIAN Londres</u>			
		LA 91	Mentionner l'antiquité et l'usage des matériaux en France 1900	12.000			5	R 38	Revue tino. persane	85 0 0
		LA 92	Les jardins de l'architecture française - 2 vols	4.000				R 2	Deux plates de revue persane	11 0 0
		LA 98	Talmanes - 1788 1 vol.	3.000				R 5	2 flap book cover	7 10 0
		R 33	Revue aux amis d'Escoffier	1.000				R 6	2 flap book cover etc...	14 10 0
id.	14	<u>LEFRANÇOIS Paris</u>					R 7	2 flap book cover	13 10 0	
		R 35	Revue mosaïque italienne	6.000			R 17	2 flap book cover	14 10 0	
id.	20	<u>CARTELET Paris</u>					R 29	2 flap book cover	10 0 0	
		LM 74	Par les champs upon les pays	12.000						
id.	28	<u>GIRAUD, BADIN Paris</u>					<u>QUARITCH Londres</u>			
		Vente Solano				5	M 19	Miniature Vie de St Catherine	308 0 0	
		LM 57	Ch. Bandet, Tancrède de Tapan	548		Nov.	17	M 56 <sup>a</sup>	Miniature anglaise XVIII <sup>e</sup> cent.	165 0 0
		LA 86	Marmontel, Contes Moyaux	32.472 50				M 56 <sup>b</sup>	Miniature anglaise XVIII <sup>e</sup> cent.	159 10 0
		LM 72	Les manuscrits de Charles de la Roche	3.335				M 70	Crucifixion (Apollon de Bonfili)	352 0 0
Mars	12	LA 20	Carbuncle, Observations etc...	18.744 50						
	id.	14	<u>Vente Sussman</u>							
			LA 22	Charvois, Costumes vannaig	18.744 50					
			LA 27	Cornette, Theatre	25.744 50					
			LA 88	Molière, Douros	38.744 50					
	LA 117	Torrence, Comedies des 2 vols	6.844 50							

**NO FUNDO, PASSA TAMBÉM PELA HISTÓRIA DO PAÍS. O LIVRO DO CINQUENTENÁRIO DA FUNDAÇÃO ASSIM O DEMONSTRA, BEM COMO A EXPOSIÇÃO SOBRE A ARTE PORTUGUESA NOS ÚLTIMOS 50 ANOS. O RELATÓRIO ASSOCIADO A CADA BOLSEIRO, A SUA HISTÓRIA É TAMBÉM UM POUCO DA HISTÓRIA DO PAÍS SOCIAL E CULTURAL...**

Tem a ver com a história de determinadas pessoas, com a história de comunidades inteiras, enfim... De facto, este arquivo, para essa "elite", é incontornável. Haverá muito pouca gente que não esteja documentada aqui, no que diz respeito a uma parte da sua vida profissional, sobretudo dos seus passos mais decisivos. E isso é muito interessante. Em traços muito largos, este arquivo documenta: por um lado a Fundação, as pessoas que nela trabalham e trabalharam, as actividades desenvolvidas directa ou indirectamente, os seus intervenientes e beneficiários; por outro, o senhor Gulbenkian e a sua a família, os seus interesses empresariais à escala global, os seus interlocutores e, em parte, a sua vida privada. O Médio Oriente está especialmente documentado aqui. Não é só a questão específica do petróleo - a sua extracção e comercialização, as relações entre empresas multinacionais e entre estas e os governos desses países. É também o quotidiano desses países que chega até nós através desses documentos. Cartas, fotografias, etc... Muitas vezes, as instâncias decisoras das empresas detidas ou participadas eram destinatárias de relatórios sobre a situação política, económica e social de cada país e, por isso, vemos a evolução dos países a mais que um nível, muito além da questão específica do petróleo.

**QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE SE COLOCAM QUANDO SE TENTA ORGANIZAR UM ARQUIVO DESTA TIPO? AO NÍVEL DO ESPAÇO, POR EXEMPLO.**

O espaço tem de ser adequado de forma a garantir as condições materiais necessárias à conservação a longo prazo da

documentação e à sua utilização. Para isso é preciso reunir um conjunto de recursos físicos, que a Fundação em boa parte já conseguiu com as obras que fez no piso -2. Estas visaram instalar um grande depósito de arquivo, onde já está muita documentação em papel, mas também fotografias, e também um depósito para negativos a cor, que requerem condições muito rigorosas, sobretudo de temperatura. Estamos a falar de cinco, quatro graus de temperatura constante e 30 por cento de humidade relativa. Junto a essas áreas técnicas, há uma área de trabalho para tratamento arquivístico e outra para preparação de documentação. As dificuldades têm a ver sobretudo com o facto de o arquivo ser muito grande, de alguns sectores estarem em língua estrangeira (incluindo arménio) e de alguns assuntos ou temas serem muito específicos e complexos para nós, arquivistas, sobretudo os que se relacionam com as áreas financeira e petrolífera...

**COM OS PETRÓLEOS, NÃO É?**

Sim, sobretudo com os petróleos e com tudo aquilo (que é imenso) em torno dos petróleos. Isso coloca-nos desafios interessantes, mas acarreta, por outro lado, algumas dificuldades, que nós vamos ultrapassando na medida do possível. Estamos a fazer um tratamento suficientemente sofisticado aos processos para que aquele arquivo responda às solicitações, que podem ser também elas sofisticadas. Esse tratamento requer tempo. Para tratarmos de um processo de bolsa ou de subsídio podemos demorar algum tempo, uma vez que, para além dos elementos tradicionais, fazemos indexação, ou seja, usamos uma linguagem controlada para representar conteúdos de forma normalizada, de molde a permitir que os utilizadores possam fazer pesquisas cruzadas e transversais a todo o arquivo, usando a mesma linguagem. Estamos a falar de um arquivo com muito mais de 50 anos e é obvio que os mesmos assuntos,

ao longo do tempo, vão sendo designados de maneira diferente. Para igual tratamento terão de passar todos pelo mesmo crivo, o que não acontece na origem. Este é um trabalho que normalmente não se faz em arquivo histórico – o trabalho de indexação de assuntos – e nós estamos a fazê-lo aqui.

#### **A INDEXAÇÃO É USADA NORMALMENTE EM QUÊ?**

Geralmente em arquivos correntes de instituições para as quais a informação seja uma coisa essencial. Nesse caso a indexação é uma peça incontornável. Infelizmente, na maior parte dos arquivos administrativos e mesmo históricos que conheço no país não se efectua indexação por assuntos, o que é muito sintomático do valor que é atribuído à informação arquivística pelas organizações. Em contrapartida, aqui na Fundação, estamos a indexar e, além disso, a criar ficheiros de autoridade. Podemos pesquisar tudo sobre uma dada pessoa com absoluta certeza de que é aquela pessoa e não outra qualquer com o mesmo nome; tudo sobre uma área geográfica, tudo sobre uma actividade, sobre um sector de actividade. E este é um tipo de procedimento não usual num arquivo, que exige um investimento grande e para isso é preciso algum tempo...

**TEMOS AQUI DOIS TIPOS DE INFORMAÇÃO (PODEMOS AGRUPÁ-LOS EM DOIS TIPOS). TEMOS UM QUE TEM A VER COM A MEMÓRIA DA CASA, E TEMOS OUTRO QUE TEM A VER COM A MEMÓRIA DO FUNDADOR.**

Também temos a memória do país.

**EXACTAMENTE, LIGADA À MEMÓRIA DA CASA, TEMOS A MEMÓRIA DO PAÍS PORQUE AQUELA OBVIAMENTE NÃO ESTÁ DESLIGADA DO RESTO. TINHA IDEIA DO NÚMERO DE DOCUMENTOS QUE IRIA ENCONTRAR QUANDO COMEÇOU A TRABALHAR ESTES MATERIAIS, OU SEJA, A EXTENSÃO DAS COISAS QUE IRIA ENCONTRAR?**

Fizemos um diagnóstico em 2001 e uma das coisas que conseguimos apurar logo foi a extensão do arquivo. Se me perguntar se tinha ideia da extensão do arquivo das empresas de Calouste Gulbenkian, estava longe disso, não fazia a mínima ideia.

**... QUE CHEGARAM ENTRETANTO QUANDO JÁ ESTAVAM A ELABORAR O ARQUIVO.**

Mas tínhamos ideia do que estava no depósito da Fundação, sem tratamento de arquivo.

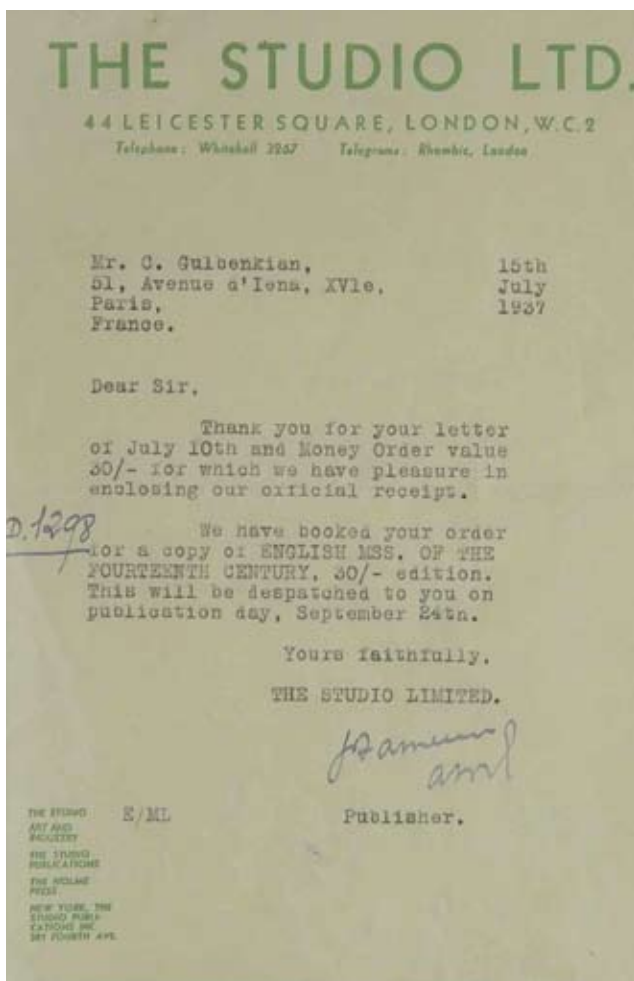
**ESTAMOS A FALAR DO PASSADO, MAS... QUANTO AO PRESENTE? TODOS TRABALHAMOS COM MATERIAL IMPORTANTE, QUE PODE CONTRIBUIR PARA MAIS TARDE SE FAZER A HISTÓRIA DA CASA. COMO É QUE CADA UM PODE DECIDIR O QUE É PASSÍVEL DE SER CONSERVADO, O QUE É IMPORTANTE E NÃO É?**



A Fundação deve definir uma política de arquivos no âmbito da qual se estabeleçam, entre outras coisas essenciais, critérios de avaliação e selecção de documentos. Nós sabemos que nem tudo o que se produz e que se recebe (e agora estou a falar de arquivos quer em suporte tradicional quer em formato electrónico) vale a pena guardar. E já estou a ter em conta o interesse administrativo e o interesse secundário, para o exterior, para a ciência, para a história... Não vale a pena guardar tudo, nem sequer arquivar. Mas as instituições têm tendência para arquivar tudo. A dada altura é fundamental definir critérios para orientar a selecção e esses critérios são depois transpostos para uma tabela que orienta o trabalho dos serviços de arquivo. Nessa tarefa essencial de selecção, há documentação que interessa guardar para efeitos administrativos e há outra que, para além destes, também conserva valor secundário, o tal valor científico. No caso do valor administrativo, essa tabela também deve determinar o prazo durante o qual aquela documentação deve manter-se junto dos serviços produtores, e outro prazo a partir do qual ela deve passar para outra responsabilidade. Isso é uma coisa fundamental. Ora, quanto mais caminhamos para os arquivos electrónicos, mais há a necessidade de a decisão sobre esses critérios ser tomada à partida. É impossível executar critérios de selecção quando os arquivos electrónicos já estão por aí espalhados.

**UM DOS PROBLEMAS DE HOJE É QUE USAMOS CADA VEZ MENOS PAPEL E CADA VEZ MAIS O ARQUIVO DIGITAL E ELECTRÓNICO. COMO PROCEDER NESTE CASO?**

O correio electrónico e as bases de dados também são um problema... Nos arquivos electrónicos, o problema é ainda mais difícil, até porque outra questão, que não tem a ver com a selecção e com os valores dos documentos, se interpõe; tem a ver com a necessidade de as instituições se dotarem de sistemas de gestão electrónica de documentos



que garantam que esses documentos electrónicos que conservam detêm um conjunto de atributos (como seja a integridade, a autenticidade, a fidedignidade...) sem os quais, por mais tempo que eles se conservem, perdem todo o seu valor documental. Quando falamos em arquivos electrónicos, é, pois, como dizia, importante a selecção, a avaliação (quanto mais cedo melhor), mas também é fundamental que os sistemas no âmbito dos quais os documentos são gerados e conservados garantam que esses documentos observam uma série de requisitos num dado momento e a longo prazo, independentemente do *hardware* e *software*. É um desafio que tem de ser enfrentado quanto antes, também aqui na Fundação.

**PARA AVANÇAR PARA UM TRABALHO DESTES GÊNERO, EM CADA SERVIÇO DE UMA INSTITUIÇÃO, É QUASE NECESSÁRIO PEDIR AJUDA PERMANENTE A PESSOAS ESPECIALISTAS NESTA ÁREA, ALGUÉM QUE ESTEJA SEMPRE AO NOSSO LADO PARA NOS ORIENTAR NO QUE DEVEMOS SELECIONAR?**

Quando falamos em arquivos, falamos da necessidade de gestão. Arquivo é um recurso que precisa de ser gerido, aplicando os mesmos princípios da gestão que se utilizam

para qualquer outro recurso: financeiro, material, humano... E se é preciso dotar os arquivos de gestão, de princípios de gestão, de uma política, de estratégias, é obviamente necessário criar dentro das instituições uma entidade que seja responsável pela definição desses princípios, pela sua aplicação, enfim, pelo acompanhamento e controlo das acções documentais empreendidas por todos quantos, numa instituição, produzem, processam, arquivam e utilizam documentos. Estamos, portanto, a falar da gestão de uma função organizacional de suporte muito exigente e complexa, porque interfere e é convocada a todo o instante e por todos numa organização. O seu impacto na gestão dos negócios pode ser grande. Existem normas internacionais (ISO) e nacionais (NP) sobre a gestão documental. No caso específico da avaliação documental, é aconselhável que seja feita por grupos interdisciplinares compostos por todos os potenciais utilizadores daquela informação, do ponto de vista administrativo e científico. Os arquivistas têm um papel coordenador destas equipas. No fundo, estamos a determinar as fontes da história que se vai fazer no futuro sobre o presente. Por isso é uma decisão muito complexa e obviamente muito subjectiva.

**É IMPORTANTE QUE, USANDO ESSA TERMINOLOGIA, AS PESSOAS TENHAM NOÇÃO QUE ESTE TRABALHO DE ARQUIVO NÃO É ISOLADO, NÃO SÃO PESSOAS QUE ESTÃO ISOLADAMENTE A TRATAR DOCUMENTOS, É UM TRABALHO QUE TEM DE BENEFICIAR DO CONJUNTO DA INSTITUIÇÃO?**

O arquivista trabalha, à partida, no pressuposto que está a prestar um serviço útil à instituição, ao presente. Nós não queremos estar a trabalhar só para o investigador do futuro, alguém que venha ter connosco, se calhar daqui a 25 anos, no contexto de outra comemoração. Para além desse, gostaríamos imenso que o primeiro utilizador do nosso trabalho fosse a própria Fundação. Por outro lado, os colaboradores actuais da Fundação, aqueles que hoje mesmo produzem, recebem, processam e consomem documentos – documentos que a prazo, chegarão aos arquivos –, têm um papel essencial na gestão documental, uma vez que é com eles que as unidades documentais são criadas. Importará, pois, aos arquivistas instituir normas e boas práticas que orientem essas pessoas e os sistemas de informação que operam na produção e conservação de documentos eficazes e relevantes do ponto de vista organizacional. A gestão dos documentos deve ser integrada, no sentido de que deve ter em conta todo o ciclo de vida de um documento.

**FAZER A INDEXAÇÃO A POSTERIORI É BASTANTE MAIS COMPLICADO...**

É ficar de fora do nascimento daquele processo. Temos de estar a entrar de novo no processo, que é uma coisa que um técnico naturalmente faz... Temos de o entender para o poder representar adequadamente. ■



## CRISTÓVÃO COLOMBO – O ENIGMA

Um percurso pela identidade e pela história do País, mas também pela do próprio realizador. O mais recente filme de Manoel de Oliveira, apoiado pela FCG, teve antestreia no dia oficial do seu aniversário, 12 de Dezembro, no Grande Auditório. O enigma sobre a verdadeira nacionalidade de Colombo é o ponto de partida para este filme de Oliveira que, aos 99 anos, diz que ainda tem muitos filmes para realizar. O filme estreia a dia 13 nos cinemas. ■

## EUROPA, MAR E BIODIVERSIDADE

Ao longo dos últimos anos, a União Europeia tem alterado de modo significativo a sua política para os oceanos. De uma perspectiva especializada e predominantemente económica, voltada para o sector das pescas, a União Europeia tem vindo a desenvolver um novo modelo de análise, claramente mais integrado e com um horizonte estratégico de longo prazo, onde a protecção dos ecossistemas marinhos e a dimensão social e cultural ganham um novo relevo. Com o objectivo de dar a conhecer esta mudança no paradigma das relações da Europa com o mar, promoveu o Programa Gulbenkian Ambiente, em 21 de Novembro, uma conferência sobre *Política Marítima Europeia e Biodiversidade*. Nela foram abordados, por Tiago de Pitta e Cunha, os grandes princípios e objectivos propostos pela Comissão Europeia aos Estados-membros. Emanuel Gonçalves traçou o quadro das apostas e obstáculos que nos separam ainda de uma efectiva política marítima europeia sustentável, capaz de preservar e promover a recuperação da diversidade biológica. João Falcato Pereira falou do importante papel desempenhado pelos aquários públicos na sensibilização da opinião pública europeia, para as mudanças de comportamento favoráveis à preservação da biodiversidade marinha. ■

## FUNDAÇÕES APOSTAM EM INVESTIGAÇÃO EUROPEIA

O Centro Europeu de Fundações (EFC) lançou, a 4 de Dezembro, em Bruxelas, o Fórum Europeu de Filantropia e Financiamento à Investigação, com o apoio da Comissão Europeia e de doadores individuais. Uma aposta que se justifica pelos bons resultados do investimento filantrópico na investigação científica e tecnológica, sobretudo na área da Saúde. Perante os naturais benefícios para a sociedade, é neste terreno fértil que o novo fórum quer semear, promovendo a cooperação e partilha das melhores práticas. Segundo Wilhelm Krull, presidente do EFC, o perfil das fundações é uma mais-valia na estratégia de investimento: “Tendo em conta os biliões de euros gastos por autoridades públicas e empresas privadas, não é o total gasto que marca a diferença, mas sim a autonomia das fundações, precaução e flexibilidade.” ■

## CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO MUSICAL

No âmbito da residência da Orquestra de Câmara da Europa na Fundação Calouste Gulbenkian, este mês terão lugar três cursos de aperfeiçoamento orientados por solistas deste agrupamento. Assim, no dia 12 de Janeiro, Joe Rappaport ensinará o Método Feldenkreis a estudantes de música e instrumentistas profissionais, para correcção de postura, tensão e dores que frequentemente afectam os executantes. No dia 14, realiza-se um curso de aperfeiçoamento de flauta por Jaime Martin e, no dia 18, de oboé por François Leleux. Estes dois últimos cursos dirigem-se a instrumentistas profissionais que pretendam preparar-se para provas de admissão em orquestras. Inscrição até ao dia 9 de Janeiro, limitada à lotação da sala. (Mais informações através do tel. 21 782 30 41.) ■

## FUNDAÇÃO APOIA CRIAÇÃO DE CENTRO DE SIMULAÇÃO BIOMÉDICA NOS HUC

**A** Fundação Calouste Gulbenkian, através do Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano, apoiou, em parceria com a Fundação EDP, a criação de um Centro de Simulação Biomédica nos Hospitais da Universidade de Coimbra. As duas Fundações comprometem-se a garantir o financiamento dos equipamentos principais de simulação médica de escala humana, o Human Patient Simulator. Este equipamento, extremamente sofisticado, aplica-se a todas as especialidades médicas e permite a execução correcta de todas as manobras a aplicar a doentes ou feridos. É composto por modelos e manequins que replicam fenómenos à escala humana, integram múltiplas funções programáveis e interagem, em tempo e modo reais, com os interlocutores em formação.

A simulação biomédica constitui um dos mais promissores e inovadores domínios científicos a nível mundial, ao permitir, com a actual evolução técnica, a conjugação plena da tecnologia de informação e da robótica com a Medicina e os cuidados de saúde. Permite progressos assinaláveis em múltiplos domínios de formação avançada em saúde, designadamente através de treino e aprendizagem intensivos de boas práticas para com vítimas e doentes. ■

## FUNDAÇÃO FINANCIA HOSPITAL DE SANTA MARIA COM EQUIPAMENTO DE VANGUARDA

**O** Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano apoiou ainda o projecto de ampliação que o Conselho de Administração do Hospital de Santa Maria pretende desenvolver no Serviço de Radioterapia, através da atribuição de um financiamento destinado à aquisição de um equipamento de radiocirurgia de última geração.

A radiocirurgia é utilizada no tratamento de tumores malignos do cérebro e tumores benignos que pela sua localização se tornam inoperáveis e exige grande precisão, impossível de obter com o equipamento actualmente existente no Hospital, oferecido pela Fundação Gulbenkian há 14 anos.

## RESIDÊNCIA ANDRÉ DE GOUVEIA RENOVADA

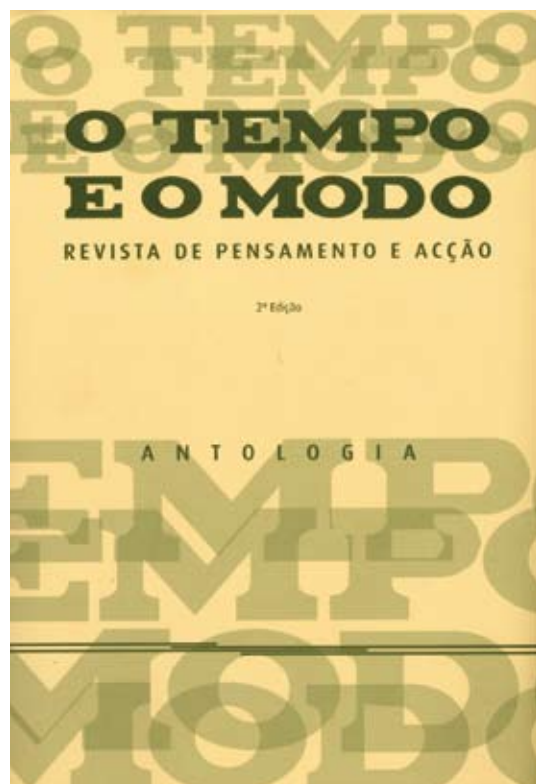
**D**epois de três anos de obras de grande envergadura projectadas pelo arquitecto Vincent Parreira, a Residência André de Gouveia já está a funcionar.

Antes designada como Casa de Portugal da Cidade internacional universitária de Paris (CiuP), a Residência André de Gouveia acolhe estudantes e investigadores universitários em mobilidade, com uma quota de cerca de 70 por cento da sua capacidade de alojamento apenas para portugueses. As 40 residências da CiuP acolhem mais de 10 mil residentes de 140 nacionalidades diferentes, de acordo com um espírito de intercâmbio e de interculturalidade. Com esta reabilitação, a Residência dispõe agora de 170 quartos, 20 dos quais duplos, cada um com casa de banho privativa, um pequeno frigorífico e uma ligação ilimitada à Internet. Há cozinhas colectivas em todos os andares, uma sala de informática, uma sala de televisão, uma sala de convívio e uma lavandaria. Os residentes beneficiam também da associação desportiva, do restaurante universitário, da biblioteca, do Espaço Línguas e de todas as manifestações culturais organizadas na CiuP. Para conhecer as condições de admissão e formular um pedido, consulte o site: [www.ciup.fr](http://www.ciup.fr).

O projecto de reabilitação, de mais de sete milhões de euros, foi financiado pela CiuP e contou com um subsídio da Fundação Gulbenkian, de um milhão de euros e com o apoio mecenático da Caixa Geral de Depósitos, do BCP e da Fundação Oriente, mediante a atribuição, em partes iguais, de um donativo total de um milhão de euros. O BPI e o grupo Grosvenor, por intermédio da Fundação Westmister, por sua vez, apoiarão o financiamento da futura renovação do Teatro.

## HOMENAGEM A TERESA SALGADO

**A** coordenadora do Centro Cultural de Paris e também responsável pela sua Biblioteca nos últimos anos, Teresa Salgado, cessou funções após 40 anos de actividade. No dia 19 de Dezembro, além da condecoração imposta pelo Embaixador de Portugal em Paris, foi-lhe prestada uma homenagem com uma sessão realizada no Centro Cultural, onde marcaram presença várias pessoas que, ao longo dos anos, acompanharam a sua actividade. A Biblioteca constitui, fora do país, o maior centro de documentação sobre Portugal na Europa, encontrando-se em vias de total informatização. Prosseguem os esforços para localizar um espaço mais adequado ao funcionamento da Biblioteca, numa área central, mais próxima do seu público-alvo, de forma a melhorar o seu funcionamento e a aumentar o número de leitores. ■



## **O TEMPO E O MODO** REVISTA DE PENSAMENTO E ACÇÃO (2ª EDIÇÃO)

**O** *Tempo e o Modo* foi “o piano de uma geração que rejeitava simultaneamente a ditadura, o velho republicanismo jacobino e o Partido Comunista”, palavras de Bénard da Costa. A revista nasceu em 1963 como instrumento de uma geração que quis rasgar o isolamento, sendo “o prenúncio claro de que se preparava uma mudança radical na vida portuguesa” – escreve Guilherme d’Oliveira Martins no prólogo da antologia já em segunda edição.

A obra publicada pela Fundação Gulbenkian, em colaboração com o Centro Nacional de Cultura e a Fundação Mário Soares, vem com um CD sobre os sete anos de vida da primeira série da revista, incluindo as 72 edições. O livro apresenta uma versão fac-similada do primeiro número e retira do baú alguns dos mais brilhantes textos escritos na época, em outras edições, por autores fundamentais nas artes, letras e política das décadas seguintes: António Alçada Baptista e João Bénard da Costa (o seu primeiro e segundo directores, respectivamente), Manuel de Lucena, Vasco Pulido Valente, Eduardo Lourenço, António Ramos Rosa, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Cutileiro, Eduardo Prado Coelho, entre muitos outros. São artigos, cartas, poemas, que espelham uma sociedade em metamorfose. Guilherme d’Oliveira Martins diz mesmo que “não podemos compreender o que se passou até 1974, e depois, sem perceber o que a geração dos jovens que lançaram e sustentaram a revista foi capaz de pensar e de agir”.

Mas muitos outros artigos, ou parte deles, ficaram por publicar. Em cada edição, a censura amputava cerca de dois terços do conteúdo da revista, potencialmente “perturbador” para o regime, como alguns exemplos que esta obra recupera: uma tradução de Hamlet feita por Sophia, a que foi riscado o verso “o fantasma avança. – Pára-o! Fâ-lo parar, Marcelo!”; uma alusão à ausência de Luís Salgado Matos, então preso, que “não podia”, pela primeira vez, colaborar numa edição; poemas de Herberto Helder, cartas de Jorge de Sena ou elogios ao novo pontífice pela “singular abertura aos valores do nosso tempo”.

Entre a luta contra o regime e as zangas internas, n’ *O Tempo e o Modo* escreveu-se história sobre a mentalidade portuguesa, pesou-se o passado e o melhor rumo para o futuro. Um intuito que Pedro Tamen, editor literário da série, formulou no programa da revista: “A acção começa na consciência. A consciência, pela acção, insere-se no tempo. Assim, a consciência atenta e virtuosa procurará o modo de influir no tempo. Por isso, se a consciência for atenta e virtuosa, assim será o tempo e o modo.” ■



# EXPERIÊNCIA ÚNICA, A NÃO PERDER

João Carlos Macieira\*

28 anos

Economia



## IMPRESSÕES DA NORTHWESTERN UNIVERSITY EM EVANSTON...

No doutoramento na Northwestern University, conheci de perto a formação de doutorados em Economia, nos EUA. Embora existam diferenças no ensino entre as várias universidades, a vivência académica é significativamente melhor que em Portugal. Apesar do extremo rigor e exigência, principalmente nos primeiros anos de formação, há muito menos formalismo entre alunos e professores (as pessoas tratam-se pelo primeiro nome, praticamente sem exceções). Considero o balanço bastante positivo, embora reconheça que nem todas as pessoas se dão bem com o estilo. No entanto, recomendo vivamente aos interessados em doutoramentos em Economia ou Gestão que o façam nos Estados Unidos, numa das 20 ou 30 melhores universidades, não em Portugal. É uma experiência única a não perder.

## QUAL O TEMA QUE DESENVOLVEU NA SUA TESE?

A minha tese analisa a dependência entre a inovação tecnológica e o nível de competição entre empresas. Por outras palavras: temos mais inovação tecnológica quando as empresas competem, ou quando as suas inovações estão protegidas por direitos de monopólio, como as patentes? A importância deste assunto é visível no tão badalado debate sobre inovação tecnológica, a nível europeu e nacional. Por um lado, pode ser bom proteger inovações (por exemplo: uma empresa farmacêutica esforça-se mais por descobrir novos medicamentos se os mesmos forem patenteados, de forma a garantir lucros); mas, por outro lado, também pode ser positivo estimular a competição entre empresas, não deixando o autor da inovação “descansar sob os louros”, criando pressão para continuar a inovar, para não ser ultrapassado. Na minha tese desenvolvo um modelo económico onde empresas competem em liderança tecnológica, via inovação. Eu estimo o modelo com dados da indústria de supercomputadores, onde as empresas procuram produzir a máxima

velocidade possível de computação no mercado. As estimativas e as simulações produzidas indicam que mais competição gera mais inovação. Claro está que o resultado noutras indústrias podia ser o inverso, dependendo das estimativas a obter com os dados disponíveis. A contribuição da minha tese é, portanto, o modelo que permite este tipo de análises a indústrias concretas.

## PROJECTOS ACTUAIS E FUTUROS...

Como *assistant professor* na Universidade de Virginia Tech, investigo vários projectos, com outros colegas. Um deles é medir o impacto de leis de indemnizações nos níveis de má prática médica e procedimentos médicos desnecessários. Outro tema que investigo com outro colega é o impacto dos hábitos de saúde individual na carreira contributiva e idade de reforma. Em ambos os casos, o objectivo é obter modelos de comportamentos (sejam de médicos, de doentes, ou de qualquer entidade de interesse) de forma a encontrar soluções para resolver, ou minorar, problemas concretos de interesse actual, como a redução de custos de cuidados médicos ou a sustentabilidade da segurança social. ■

\* *bolseiro do Serviço de Educação e Bolsas na Northwestern University, EUA*

# CONFORTO E ESTABILIDADE CRIATIVA

*Martinha Maia\**

31 anos

Artes Plásticas



## O QUE A LEVOU A CONCORRER À BOLSA CASA DE VELÁZQUEZ, EM MADRID?

Interessava-me abordar a pintura barroca e em especial *Las Meninas*, de Velázquez, obra que desde sempre me fascinou por questionar o espaço da representação e o papel da pintura, e pelo facto de o pintor nela se representar.

Aliado à performance, à pintura e ao desenho, há muito que pretendia abordar no meu trabalho a teatralidade na pintura, tão característica da época barroca. Por esse motivo era fundamental para mim ter a possibilidade de estudar de perto pintura barroca e alguns dos seus pintores. Quando tive conhecimento da bolsa de residência em Madrid, não pude deixar de concorrer, era a oportunidade que há muito esperava, poder estudar de perto pintores como Velázquez, entre outros, e poder realizar a tempo inteiro o meu trabalho. Poder, assim, entender melhor a cor, como era trabalhada a luz, em termos de volumes e espaço, e como era desenvolvido o cenário pictórico, bem como a expressividade das personagens representadas.

## O QUE GUARDA DESTA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA?

Foi fundamental a oportunidade que a Fundação Calouste Gulbenkian me ofereceu, dando-me a possibilidade de desenvolver trabalho, viver noutra país, conhecer outra cultura, ter o meu próprio ateliê, durante seis meses.

A bolsa de residência possibilitou-me também a ida a exposições que foram importantes, como a de Tintoretto no Museu do Prado, Zhang Huan, na Fundação Telefónica, *Arte e Imagem en Movimiento, 1963-1986*, no Centro de Arte Rainha Sofia, e Foto Espanha, entre outras, bem como contactar com outros artistas e desenvolver projectos colectivos e individuais. Fiz parte do programa da Casa e das actividades, e fui auxiliada em exposições, o que me permitiu conforto e estabilidade criativa.

## O QUE FICOU POR FAZER?

Gostaria de ter tido mais tempo, que me desse a oportunidade de mostrar o meu trabalho a Madrid. Continuar a desenvolver o trabalho com outros artistas, que foi deixado para trás, devido à minha partida. Ter conseguido internacionalizar o meu trabalho através de uma galeria espanhola. É o problema das bolsas de residência de curta duração, no momento em que nos sentimos em casa, temos de regressar. Mas foi, sem dúvida, uma grande experiência: saímos com a expectativa de conquistar o mundo e, quando voltamos, sentimo-nos ainda mais pequenos. Essa realidade permite-nos manter a clareza e os pés no chão. ■

*\* bolsreira do Serviço de Belas-Artes na Casa de Velázquez, residência artística em Madrid*



# CATARINA LEITÃO SEM TÍTULO

Nestes desenhos e em várias esculturas realizadas na mesma altura (exposição no CAMJAP, em 2002), Catarina Leitão propõe-nos pensar numa “natureza natural” por oposição a uma “natureza domesticada”, como o é, por exemplo, a dos nossos jardins. Circunscreve o problema da paisagem à circunstância mais específica da recriação de formas artificiais da natureza dentro da cidade, trazendo para dentro dessa circunscrição representações muito alargadas e comentadas do conceito de paisagem.

Surgem então caixas de cimento com plantas, árvores que nascem de orifícios nos passeios, vasos, jarras, parapeitos. Catarina Leitão evoca também os lugares mais estreitos, os recipientes mais pequenos, mesmo os sacos e mochilas nos quais se pode levar a vegetação para casa. Troncos e folhas recortadas sobram de dentro de um saco de papel, num destes desenhos.

Um mundo caseiro de objectos prolifera nas instalações e nos desenhos: recipientes ligados à água, como esta bolsa de pano com água e um pedaço verde dentro, um lavatório no mesmo cinzento do pano, também com água, de onde saem três pequenos troncos, uma ventoinha, à dimensão duma árvore ou mesmo maior, ser estranho de cimento ou metal plantado na “floresta”, tornado utensílio surreal.

No pedaço de terra delimitada deste último, vêem-se recortes pretos, verdes e castanhos de camuflado (um motivo recorrente no seu trabalho), pendurados nos troncos e na base das coisas. O tecido camuflado surge na guerra para esconder o soldado, tornando-o parecido com a natureza. Vistos de cima, os soldados seriam confundidos com a floresta,

camaleónicos. Ir buscar esse tecido para referir a própria ideia de imitação da natureza e imiscui-lo nos comentários das suas recriações artificiais é mais uma forma, nesta série, de referir uma natureza que se esconde nas cidades, como uma fantasia num espartilho. Por entre o asfalto ou o cimento, ela existe sem espaço e à mercê de todas as agressões, apesar da aparente protecção de que goza.

Por outro lado, o imaginário do abrigo tropical fixado numa roupa/casa suspensa do tecto, que expôs na altura, encontrava num destes desenhos uma figura algo congénere. Nesta domesticação são, em geral, assumidas duas coisas: a redução da escala para facilidade de consumo e uma relação táctil e corporal transformada em jogo controlado, com exclusão do imprevisível, da deambulação e dos sentidos que não a visão, numa chamada de atenção para fórmulas de relação com a natureza distantes e sem envolvimento físico real. Teremos deixado de querer saber a que cheira exactamente um bosque? ■ **Leonor Nazaré**

*Catarina Leitão*

*S/Título, 2001*

*Aquarela sobre papel*

*76,5 x 57 cm cada*

*Nº inv.: 02DP1831 / 02DP1832 /*

*02DP1833 / 02DP1834 / 02DP1835 /*





## KANDINSKY: DAS GRAPHISCHE WERK

Inaugurado pela monumental Exposição Universal de Paris, o início do século XX ficou marcado por decisivas e importantes mutações. Até ao advento da I Guerra Mundial, em 1914, viveram-se tempos de optimismo e confiança no progresso e no poder inventivo do homem. As cidades transformaram-se em metrópoles industrializadas e cosmopolitas. Nas suas ruas ouviam-se as buzinas dos primeiros automóveis, enquanto as tentativas para fazer o homem voar eram comentadas nos jornais com o mesmo entusiasmo com que se anunciavam as novidades do cinematógrafo. No campo artístico, os primeiros anos de Novecentos foram igualmente fervilhantes de experimentações e rupturas que marcaram a arte contemporânea.

Vassily Kandinsky (1866-1944) foi um dos artistas mais importantes destes anos e um dos mais originais no panorama da arte do século XX. Nascido em Moscovo, passou a infância em Odessa e fez, a partir de 1896, a sua aprendizagem artística em Munique. Até 1914, ano em que regressou à Rússia, Kandinsky viajou pela Europa na companhia de Gabriele Münter (1877-1962) e foi um dos fundadores do grupo Der Blaue Reiter (O Cavaleiro Azul). Durante este período, observa-se um desenvolvimento nas suas obras pictóricas que evoluem de paisagens e cenas inspiradas nos motivos das tradições folclóricas para uma cada vez maior abstracção de formas. Uma das técnicas que Kandinsky utilizou nestes anos, não só para divulgar o seu trabalho, mas também para realizar novas experimentações técnicas, foi a gravura em madeira, que desempenhou um papel muito especial na expressão da sua imaginação

e criatividade. Das gravuras que Kandinsky produziu, entre 1902 e 1912, destacam-se as publicadas no livro *Klänge* ("Sons", 1912), onde a prosa poética é acompanhada por 12 gravuras coloridas e 44 a preto e branco.

Publicado em 1970, *Kandinsky – Das Graphische Werk* reproduz cerca de 200 obras gravadas, apresentadas individualmente com as respectivas descrições e reprodução. As reproduções são quase fac-símiles, uma vez que houve o cuidado de escolher um tipo de papel muito próximo do utilizado pelo artista, o mesmo acontecendo com as dimensões que são, na sua maioria, as mesmas dos trabalhos originais. No final do volume apresentam-se ainda estudos, desenhos e gravuras entretanto desaparecidas. Há ainda a referir o trabalho de investigação realizado pelo autor, Hans K. Röthel, que revelou, à época da sua publicação, aspectos menos conhecidos da obra de Kandinsky. Por todas estas características, este catálogo *raisonné* – com uma edição limitada a 1500 cópias – constitui-se como um contributo fundamental para o estudo da obra gráfica do artista russo. ■ Ana Barata

TÍTULO/ RESP *Kandinsky: das Graphische Werk / Hans Konrad Röthel* PUBLICAÇÃO Köln : M. DuMont Schauberg, cop. 1970 ESCR. FÍSIC 504 p. : il. color. ; 30 cm NOTAS Algumas folhas são desdobráveis. Contém tradução de alguns termos técnicos nas línguas inglesa e francesa. Contém índice.

ISBN 3-7701-0450-1  
COTA(S) GR 1097 res



## MEDALHA

### ANTONIO DI PUCCIO PISANO, CHAMADO PISANELLO

**A**ntonio di Puccio Pisano, chamado Pisanello, pintor famoso com presença assídua nas principais cortes humanistas italianas, foi o verdadeiro inventor da medalha do Renascimento. Desprovidas de valor monetário, estas medalhas tinham uma função comemorativa inequívoca, constituindo um poderoso meio de comunicação, com características próprias, sendo portáteis, pouco dispendiosas, resistentes e de fácil reprodução. Pisanello pretendeu retratar os seus contemporâneos que, por nascimento ou acções valorosas, alcançaram notoriedade.

O modelo medalhístico iniciado por Pisanello tinha um retrato no anverso, constituído por cabeça ou busto de perfil, com rigorosa individualização, e no reverso um motivo relacionado com o retratado, que funcionava como contributo para um melhor conhecimento das suas qualidades específicas. O simbolismo dos seus reversos, por vezes, não é facilmente apreendido nos dias de hoje, dado que Pisanello recorria frequentemente a conceitos eruditos ou até cifrados, só compreensíveis a um reduzido escol de iniciados.

É o que acontece na medalha de Leonello d'Este, marquês de Ferrara (1407-1450), que apresenta no reverso um rosto infantil trifacetado, que tem sido ao longo dos tempos objecto de várias interpretações por parte dos estudiosos, embora a maioria se incline para a ideia de prudência. Com efeito, o indivíduo cauteloso, que olha em todas as direcções antes de actuar, parece corresponder ao carácter de Leonello, marquês de Ferrara em 1441 e que se tornou um extraordinário mecenas das artes e das letras, amante

da paz e das virtudes domésticas, culto e prudente, que transformou Ferrara num importante centro artístico, apenas comparável à Mântua dos Ganzaga.

Iniciado nas poderosas cidades-estados do Norte de Itália do século XV, o Renascimento, com a sua componente humanista, baseou-se no interesse pelas civilizações clássicas da Grécia e de Roma, consideradas a idade de ouro do espírito humano e que passaram a constituir um inesgotável repositório de formas, quer artísticas, quer literárias. Ferrara, uma das primeiras cortes a adquirir notoriedade sob influência dos Este transformou-se numa espécie de laboratório de experiências arquitectónicas e urbanísticas, que veio influenciar outras cortes da península Itálica. ■

*Rosa Figueiredo*

#### *Medalha*

*Anverso: Leonello d'Este, marquês de Ferrara*

*Reverso: Rosto infantil trifacetado*

*Antonio di Puccio Pisano, chamado Pisanello (Pisa, c. 1395-Roma, 1455)*

*Itália, Ferrara, c. 1443*

*Bronze, diâm. 67 mm.*

*Nº inv.: 2410*

## EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, 10h às 18h  
[encerra às segundas-feiras]

### AINDA PODE VER...

#### Os Gregos. Tesouros do Museu Benaki, Atenas

ATÉ 6 JANEIRO 2008

Galeria de Exposição Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian

#### UMA OBRA EM FOCO A Religião na Grécia Antiga: Deuses do Olimpo representados na Coleção Gulbenkian Tesouros do Museu Benaki, Atenas

ATÉ 6 JANEIRO 2008

Galeria de Exposição Permanente do Museu

#### Patrick Faigenbaum

ATÉ 24 FEVEREIRO 2008

CAMIAP, Galeria de Exposições Temporárias

#### IDA E VOLTA: Ficção e Realidade

ATÉ 1 JUNHO 2008

Comissariado: Christine Van Assche (curadora do Centre Georges Pompidou) | Cenografia: Didier Faustino  
CAMIAP, Piso 0

#### APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO DO CAMIAP

ATÉ DEZEMBRO 2008

CAMIAP, Piso 01 e 1

## MÚSICA

#### ORQUESTRA GULBENKIAN

4, SEXTA, 19H00 | 5, SÁBADO, 21H00

Grande Auditório

Joana Carneiro MAESTRINA

Sequeira Costa PIANO

*Sergei Rachmaninov, Igor Stravinsky*

#### CONCERTOS DE DOMINGO

##### Ciclo de Bolseiros da Fundação

6, DOMINGO, 12H00

Átrio da Biblioteca do Museu

Sandrina Carrasqueira VIOLINO

Cristóvão Luiz PIANO

*Ludwig Van Beethoven, Sergei Prokofiev*

#### SOLISTAS DA ORQUESTRA GULBENKIAN

7, SEGUNDA, 19H00 | Auditório 2

Pedro Pacheco VIOLINO

Jorge Teixeira VIOLINO

Alexandra Mendes VIOLA

Clélia Vital VIOLONCELO

*Variações sobre um tema popular russo; Alexander Glazunov e clássicos do jazz contemporâneo*

#### Ciclo de Música de Câmara Quartetos de Cordas de Berlim III Quarteto Kuss

8, TERÇA, 19H00 | Grande Auditório

Jana Kuss VIOLINO

Oliver Wille VIOLINO

William Coleman VIOLA

Felix Nickel VIOLONCELO

*Orlando di Lasso, György Kurtág, Bruno Mantovani, Anton Webern, John Bennett, John Dowland, Franz Schubert*

#### ORQUESTRA GULBENKIAN

10, QUINTA, 21H00 | 11, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Michael Boder MAESTRO

Isabelle van Keulen VIOLINO

*Josef Strauss, Alban Berg, Brahms / Schönberg*

#### ORQUESTRA EM RESIDÊNCIA

##### ORQUESTRA DE CÂMARA DA EUROPA

13, DOMINGO, 19H00 | Grande Auditório

Yannick Nézet-Séguin MAESTRO

*Joseph Haydn, Johann Sebastian Bach,*

*Wolfgang Amadeus Mozart*

#### ORQUESTRA EM RESIDÊNCIA

##### ORQUESTRA DE CÂMARA DA EUROPA

16, QUARTA, 19H00 | Grande Auditório

Douglas Boyd MAESTRO

Elisabeth Batiashvili VIOLINO

*Ludwig van Beethoven, Franz Schubert*

#### ORQUESTRA EM RESIDÊNCIA

##### CORO GULBENKIAN

##### ORQUESTRA DE CÂMARA DA EUROPA

20 e 21, DOMINGO e SEGUNDA, 19H00

Grande Auditório

Thomas Hengelbrock MAESTRO

Johannette Zomer SOPRANO

James Creswell BARÍTONO

*Johannes Brahms, Um Requiem Alemão, op.45*

#### Ciclo de Música de Câmara

##### Quarteto Borodin

23, QUARTA, 19H00 | Grande Auditório

Ruben Aharonian VIOLINO

Andrei Abramnikov VIOLINO

Igor Naidin VIOLA

Vladimir Balshin VIOLONCELO

*Joseph Haydn, Ludwig van Beethoven, Nikolai Miaskovsky,*

*Sergei Rachmaninov*

#### VANGUARDAS / NOVAS VANGUARDAS

##### ORQUESTRA GULBENKIAN

24 e 26, QUINTA e SÁBADO, 19H00

Grande Auditório

Joana Carneiro MAESTRINA

*6º Workshop da Orquestra Gulbenkian para Jovens*

*Compositores Portugueses*

#### Ciclo de Música Antiga

##### Música Portuguesa do Século XVIII

##### Ensemble Européen William Byrd

27, DOMINGO, 12H00 | Grande Auditório

Graham O'Reilly DIRECÇÃO

*João Rodrigues Esteves*

#### Ciclo Novos Intérpretes

##### Ensemble Européen William Byrd

28, SEGUNDA, 19H00 | Auditório 2

Marco Pereira VIOLONCELO

Ofelia Montalván PIANO

*Ludwig van Beethoven, Luis de Freitas Branco, Olivier*

*Messiaen, Sergei Rachmaninov*

#### Ciclo Grandes Orquestras Mundiais

##### SWR Sinfonieorchester Baden-Baden

##### und Freiburg (Orquestra Sinfónica

##### da SWR Baden-Baden e Freiburg)

29, TERÇA, 21H00 | Coliseu dos Recreios

Sylvain Cambreling MAESTRO

*Olivier Messiaen, Turangalila-Symphonie*

*No centenário do nascimento de Olivier Messiaen*

#### ORQUESTRA GULBENKIAN

##### CORO GULBENKIAN

31, QUINTA, 21H00 | Grande Auditório

Rolf Beck MAESTRO

Yvonne Naef MEIO-SOPRANO

Daniel Taylor CONTRATENOR

Stefan Vinke TENOR

Daniel Sumegi BARÍTONO

*Alfred Schnittke, Felix Mendelssohn-Bartholdy*



## EVENTOS

### CICLO DE CONFERÊNCIAS 07'08 NA FRONTEIRA DA CIÊNCIA PODEMOS PREVER UM TSUNAMI?

30, QUARTA, 18H00 | Auditório 2

Ana Viana Batista, ISEL – Instituto Superior de Engenharia de Lisboa

Entrada livre

## VISITAS TEMÁTICAS

Não é necessária marcação prévia, excepto onde assinalado.

### MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

#### Os Gregos

#### TESOUROS DO MUSEU BENAKI, ATENAS 3, QUINTA, 15H00

Marcação individual sobre a hora (excepto dias feriados)

Para grupos, contactar o Serviço Educativo | €4

#### O EGIPTO FARAÓNICO

8, TERÇA, 15H00

Duração cerca de 1h30

Nº de participantes: mínimo 5, máximo 15

Sujeito a marcação prévia até 15 dias antes da data prevista

Contacto: 21 782 34 56 | isilva@gulbenkian.pt | €4

### CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

#### REENCONTROS COM A COLEÇÃO: REPRESENTAÇÃO, RETRATO E AUTO-RETRATO

5, SÁBADO, 15H00

por Sílvia Almeida

Preço: Entrada Exposição

#### EXPOSIÇÃO IDA E VOLTA: ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

6, DOMINGO, 12H00

Visita Geral, por Sílvia Moreira

Preço: Gratuito

#### ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: O HOMEM DA CAMERA DE FILMAR

12, SÁBADO, 15H00

por Sílvia Moreira

Preço: Entrada Exposição

#### PATRICK FAIGENBAUM: REGISTO FOTOGRÁFICO

13, DOMINGO, 12H00

Visita Geral, Sílvia Almeida

Preço: Gratuito

#### REENCONTROS COM A COLEÇÃO: CEM ANOS DE ARTE

19, SÁBADO, 15H00

por Hilda Frias

Preço: Entrada Exposição

#### ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: A LEITURA DAS IMAGENS - O PRINCÍPIO NA MONTAGEM

20, DOMINGO, 12H00

por Sílvia Moreira

Preço: Gratuito

#### REENCONTROS COM A COLEÇÃO: ARTE E QUESTÕES AMBIENTAIS: UMA SIMBIOSE?

26, SÁBADO, 15H00

por Carlos Carrilho

Preço: Entrada Exposição

### REENCONTROS COM A COLEÇÃO

27, DOMINGO, 12H00

Preço: Gratuito

### ENCONTROS IMEDIATOS CONVERSAS À HORA DE ALMOÇO ENCONTRO COM O RETRATO COLEÇÃO CAMJAP

4, SEXTA, 13H00 ÀS 13H15

por Sílvia Moreira

18, SEXTA, 13H00 ÀS 13H15

por Hilda Frias

## CURSOS

### AÇÃO DE FORMAÇÃO PARA GUIAS, TRADUTORES E INTÉRPRETES

Museu Calouste Gulbenkian

Nº de participantes: mínimo 5, máximo 15

Marcação prévia até 15 dias antes da data prevista

Contacto: Isabel Oliveira e Silva | telefone: 217823456

e-mail isilva@gulbenkian.pt

Entrada Livre

ARTE ORIENTAL [1ª e 2ª PARTES]

9 e 11, QUARTA e SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

ARTE EUROPEIA [1ª e 2ª PARTES]

16 e 18, QUARTA e SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

### CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO PARA ESTUDANTES DE MÚSICA E INSTRUMENTISTAS PROFISSIONAIS

Inscrição até dia 9 de Janeiro mediante preenchimento de

ficha | Contacto: musica@gulbenkian.pt

Preço: Gratuito limitado à lotação da sala

MÉTODO FELDENKREIS / JOE RAPPAPORT

12, SÁBADO, 18H30 ÀS 21H30

Sala 1 da Sede

Correcção da postura, tensão e dores que frequentemente

afectam os músicos

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE FLAUTA

JAIME MARTIN

14, SEGUNDA, 18H30 ÀS 21H30

Seleção de executantes: da responsabilidade do Professor,

com base no repertório e no currículo dos alunos inscritos.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OBOÉ

FRANÇOIS LELEUX

18, SEXTA, 14H00 ÀS 18H00

Seleção de executantes: da responsabilidade do Professor,

com base no repertório e no currículo dos alunos inscritos.

### PROBLEMÁTICAS EM TORNO DO CORPO E DA SUA REPRESENTAÇÃO COLEÇÃO CAMJAP

12 e 13, SÁBADO e DOMINGO, 10H00 ÀS 17H30

Sala 3 do CAMJAP

Orientadora: Ana Gonçalves

Máximo 40 participantes | Necessária marcação prévia

€50

### ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: REFLEXÕES SOBRE A VÍDEOARTE

26 e 27, SÁBADO e DOMINGO, 10H00 ÀS 17H30

Sala 2 do CAMJAP

Orientadora: Ana João Romana

Máximo 40 participantes | Necessária marcação prévia

€50

### DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN VIAGEM PELAS MÚSICAS DO MUNDO O REFLEXO SONORO DAS DIFERENÇAS CULTURAIS

21, 22, 28 e 29, SEGUNDA e TERÇA, 18H30

Sala 1 da Sede

Curso Livre

Orientador: João Soeiro de Carvalho

4 sessões | Duração: 8 horas | €35

Os bilhetes são adquiridos na bilheteira

# PARA OS MAIS NOVOS

### PROGRAMAS ESPECÍFICOS PARA AS ESCOLAS NO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN:

Marcação prévia, tel. 21 782 34 22; 21 782 34 57;

fax 21 782 30 32 | dcerqueira@gulbenkian.pt

www.museu.gulbenkian.pt

### VISITAS ESCOLARES ÀS EXPOSIÇÕES NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta, 15h às 17h;

tel. 21 782 36 20; fax 21 782 30 61 | cam-visitas@

gulbenkian.pt

### ATELIÊS E VISITAS-ATELIÊS NO CAMJAP

Marcação prévia, de segunda a sexta, 10h às 12h30

e 15h às 17h; tel. 21 782 34 77; fax 21 782 30 61

cam-visitas@gulbenkian.pt

### MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

#### PELOS CAMINHOS DO MUSEU A AVENTURA DOS REIS MAGOS

Dos 4 aos 6 anos

Dos 7 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

5, SÁBADO DAS 14H30 ÀS 16H30

6, DOMINGO DAS 10H30 ÀS 12H30

€7,5 por criança

#### MUSEU EM FAMÍLIA VIVER O INVERNO NA ARTE E NO PARQUE

Dos 4 aos 6 anos

Dos 7 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

12, SÁBADO DAS 14H30 ÀS 16H30

13, DOMINGO DAS 10H30 ÀS 12H30

€10 uma criança e um adulto

€4 cada criança adicional por família

#### PELOS CAMINHOS DO MUSEU O TAMANHO DOS DIAS NO TEMPO E NA ARTE

Dos 4 aos 6 anos

Dos 7 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

19, SÁBADO DAS 14H30 ÀS 16H30

20, DOMINGO DAS 10H00 ÀS 12H30

€7,5 por criança

#### O MUSEU EM FAMÍLIA AS PONTES E OS CAMINHOS: ORIENTE E OCIDENTE

Dos 4 aos 6 anos

Dos 7 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

26, SÁBADO DAS 14H30 ÀS 16H30

27, DOMINGO DAS 10H30 ÀS 12H30

€10 uma criança e um adulto

€4 cada criança adicional por família

### CENTRO DE ARTE MODERNA JOSÉ DE AZEREDO PERDIGÃO

#### JOVENS PERCURSOS PELA ARTE INTRODUÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA: DO OUTRO LADO DO ESPELHO!

Dos 10 aos 14 anos

5, SÁBADO, DAS 15H30 ÀS 16H30

Visita

Orientação: Adriana Pardal | Máximo 15 crianças | €4

## IDEIAS IRREQUIETAS OS QUATRO COMANDANTES DA CÂMARA VOADORA

Dos 2 aos 4 anos

6, DOMINGO, DAS 11H00 ÀS 12H00

+ adulto | Máximo 12 crianças

Dos 5 aos 7 anos

6, DOMINGO, DAS 15H00 ÀS 16H30

Máximo 15 crianças

Oficina de Contos

Orientação: Dora Batalim e Margarida Botelho | €4,5

## QUANTO TEMPO DURA UM INSTANTE?

Dos 6 aos 10 anos

12, SÁBADO DAS 15H30 ÀS 17H30

Oficina Criativa

Orientação: Carlos Carrilho e Dora Batalim

Máximo 12 crianças | €5

## QUANTO TEMPO DURA UM INSTANTE?

Dos 4 aos 6 anos

13, DOMINGO, DAS 10H30 ÀS 12H30

Oficina Criativa

Orientação: Carlos Carrilho e Dora Batalim

+ adulto | Máximo 10 crianças | €5

## LABORATÓRIO DE ARTES R3 - RETRATO AO CUBO!

Dos 6 aos 10 anos

13, DOMINGO, DAS 15H00 ÀS 18H00

Oficina Experimental

Orientação: Mário Rainha Campos e Susana Anágua

+ adulto | Máximo 12 crianças | €5

## JOVENS PERCURSOS PELA ARTE INTRODUÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA: OOPS, ISTO É UMA OBRA!

Dos 6 aos 10 anos

19, SÁBADO, DAS 15H30 ÀS 16H30

Visita

Orientação: Ana João Romana

Máximo 15 participantes | €4

## IDEIAS IRREQUIETAS A COLEÇÃO

Dos 2 aos 4 anos

20, DOMINGO, DAS 11H00 ÀS 12H00

+ adulto | Máximo 12 crianças

Dos 5 aos 7 anos

20, DOMINGO, DAS 15H00 ÀS 16H30

Máximo 15 crianças

Oficina de Contos

Orientação: Dora Batalim e Margarida Botelho | €4,5

## CAIXAS MÁGICAS ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE

Dos 6 aos 10 anos

26, SÁBADO, DAS 15H30 ÀS 17H30

Oficina Criativa

Orientação: Dora Batalim e Margarida Botelho

Máximo 12 crianças | €4,5

Dos 4 aos 6 anos

27, DOMINGO, DAS 10H30 ÀS 12H30

Oficina Criativa

Orientação: Sílvia Moreira e Susana Anágua

+ adulto | Máximo 10 crianças | €5

## LABORATÓRIO DE ARTES R3 - RETRATO AO CUBO!

Dos 10 aos 15 anos

27, DOMINGO, DAS 15H00 ÀS 18H00

Oficina Experimental

Orientação: Mário Rainha Campos e Susana Anágua

Máximo 12 crianças | €5

## DESCOBRIR A MÚSICA NA GULBENKIAN

### VISITAS

#### DESPERTAR PARA A MÚSICA EXPLORAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE INSTRUMENTOS E RESPECTIVAS FORMAS DE PRODUÇÃO SONORA

Dos 3 aos 5 anos

Dos 6 aos 9 anos

4, 5, 7, 8, 9 e 10, 10H00

Concepção e Orientação: Verena Wachter Barroso

e Carlos Garcia | Duração: 1h30

Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

#### OS MEUS PRIMEIROS SONS EXPLORAÇÃO DA VOZ E PRIMEIRAS FORMAS DE PRODUÇÃO SONORA

Até 1 ano

De 1 a 2 anos

Dos 2 aos 3 anos

5, SÁBADO, 10H00 e 11H00

Concepção e Orientação: Lydia Robertson | Duração: 1h

Ponto de encontro: Recepção da sede | €4 [com os pais]

#### VIAGEM AO MUNDO DO SOM DOS SONS DA NATUREZA À ORQUESTRA SINFÓNICA

Dos 3 aos 5 anos

Dos 6 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

9, 16, 23 e 30, QUARTA, 10H00 e 11H00

Concepção e Orientação: Lydia Robertson e Francisco Cardoso

Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

#### VIAGEM AO MUNDO DO SOM BARROCO E CLÁSSICO DAS ORIGENS DA ÓPERA E DA ORATÓRIA AO NASCIMENTO DA ORQUESTRA

Dos 6 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

10, 17, 24 e 31, QUINTA, 10H00 e 11H00

Concepção e Orientação: Lydia Robertson e Carlos Garcia

Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

#### COMO SE FAZ UM CONCERTO? UMA VIAGEM PELOS BASTIDORES DE UM CONCERTO

Dos 6 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

11, 18 e 25, SEXTA, 10H00

Concepção e Orientação: Verena Wachter Barroso

Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

#### CONTOS MUSICAIS CONTOS COM MÚSICA DOS QUATRO CANTOS DO MUNDO

Dos 3 aos 5 anos

Dos 6 aos 9 anos

12, SÁBADO, 11H00 e 15H00

Concepção e Orientação: Lua Cheia Teatro

Duração: 1h | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

#### ENCONTROS ORQUESTRADOS ENCONTROS COM A ORQUESTRA DE CÂMARA DA EUROPA

Dos 10 aos 12 anos

Dos 13 aos 17 anos

14, SEGUNDA, 10H30

15, TERÇA, 14H00

Concepção e Orientação: Francisco Cardoso

Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

#### VIAGEM ESPECIAL AO MUNDO DO SOM PARA CRIANÇAS E JOVENS

COM NECESSIDADES ESPECIAIS

14, SEGUNDA, 10H00

Concepção e Orientação: Lydia Robertson

Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

#### ENSAIOS ABERTOS DA ORQUESTRA DE CÂMARA DA EUROPA PARA ALUNOS DE MÚSICA

16 e 18, QUARTA e SEXTA, 10H00

Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede

Entrada livre sujeita a reserva

#### VIAGEM AO MUNDO DO JAZZ HISTÓRIAS, IMPROVISAÇÕES E CRUZAMENTOS NO JAZZ

Dos 6 a 9 anos

Dos 10 a 12 anos

Dos 13 a 17 anos

25, SEXTA, 10H00

Concepção e Orientação: José Menezes

Duração: 1h30 | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

### OFICINAS

#### MESSIAEN E O CANTO DOS PÁSSAROS OFICINA DE EXPLORAÇÃO E IMPROVISAÇÃO MUSICAL

Dos 6 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

Dos 13 aos 17 anos

14 a 26, SEGUNDA A SÁBADO, 10H00

A partir da obra *Turangalila - Symphonie* de Messiaen,

concerto do ciclo Grandes Orquestras Mundiais,

29 de Janeiro, 21h00, Coliseu dos Recreios.

Por ocasião do centenário do nascimento do compositor.

Concepção e Orientação: Etienne Lamaison | Alunos de música

Duração: 2h | Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

#### CONCERTOS COM O DIABO OFICINA DE ARTE DRAMÁTICA EXPRESSÃO TEATRAL A PARTIR DO MITO DE FAUSTO

Dos 6 aos 9 anos

Dos 10 aos 12 anos

Dos 13 aos 17 anos

14 a 26, SEGUNDA A SÁBADO, 10H00

A partir das obras: *Sinfonia Fausto* de Liszt,

11 e 12 de Outubro, 21h00 e 19h00; *Cantata Fausto* de

Schnittke e a *Primeira noite de Walpurgis*, op. 60 de

Mendelssohn - Bartholdy, 31 de Janeiro e 1 de Fevereiro,

21h00 e 19h00; e a ópera *A Danação de Fausto* de Berlioz,

25 e 26 de Abril, 19h00 e 21h00 | Concepção e Orientação:

João Mota | Alunos de música | Duração: 2h

Ponto de encontro: Recepção da sede | €4

### CURSO LIVRE

#### VIAGEM PELAS MÚSICAS DO MUNDO

21, 22, 28 e 29, SEGUNDA e TERÇA, 18H30

[Ver mais informações em Cursos]

## VIVER OS JARDINS GULBENKIAN

#### EXPERIÊNCIAS NO PARAÍSO

Informações: 21 782 35 14, das 14h30 às 17h30

pgjardim@gulbenkian.pt

€5/mala [máximo 3h]





# Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão

## Cursos 2008

### Janeiro

12 13	10h00	PROBLEMÁTICAS EM TORNO DO CORPO E DA SUA REPRESENTAÇÃO
26 27	10h00	ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE: REFLEXÕES SOBRE A VIDEOARTE

### Fevereiro

9 10	10h00	A PERCEÇÃO VISUAL APLICADA ÀS OBRAS DE ARTE - OU PORQUE É QUE «VER» NUNCA É «VER TUDO»
16 23	10h00	ENCONTROS ENTRE A MÚSICA E AS ARTES
23 24	10h00	MÃOS À OBRA! ESPAÇOS E PRÁTICAS CRIATIVAS DA EXPRESSÃO PLÁSTICA NA INFÂNCIA

Todos os cursos requerem marcação prévia

Sector de Educação e Animação Artística  
Marcações / Informações: de 2ª a 6ª 10h00 às 13h00

T: 217 823 477 | F: 217 823 061 | E-mail: [cam-visitas@gulbenkian.pt](mailto:cam-visitas@gulbenkian.pt) | [www.camjap.gulbenkian.pt](http://www.camjap.gulbenkian.pt)